ANTÓNIO FRAGOSO

UM GÉNIO FEITO SAUDADE



LIVROS DE PORTUGAL

RIO DE JANEIRO

1968

ANTÓNIO FRAGOSO

UM GÉNIO FEITO SAUDADE

SEGUNDA TIRAGEM



ANTÓNIO FRAGOSO

* 17-6-1897 † 13-10-1918

LEONARDO JORGE

ANTÓNIO FRAGOSO

UM GÉNIO FEITO SAUDADE

UM LIGEIRO PANORAMA DA SUA VIDA,
NO PRIMEIRO JUBILEU DA SUA MORTE.

LIVROS DE PORTUGAL
RIO DE JANEIRO
1968

À MARIA FERNANDA DE LIMA FRAGOSO MARTINS SOARES —

A tragédia marcou a tua vida. Não te lembras dela; mas foste, nela, a única luz que continuou a brilhar. Por isso, a tua vida foi uma bênção.

A MINHAS IRMÃS MARIA DO CÉU PESSOA LOPES VIEIRA NEVES e MARIA LUÍSA PESSOA LOPES FRAGOSO —

Sei que vocês nunca esqueceram aqueles dias trágicos que ensombraram a nossa meninice. Por isso mesmo, vocês não poderiam estar ausentes, neste desenrolar de recordações amargas.

A MINHA IRMÃ MARIA ISABEL JORGE PESSOA LOPES —

Tu nasceste já depois do cataclismo. Mas o seu eco chegou ainda aos teus ouvidos, tão real e tão forte, que quase se transformou em lembrança.

Oxalá que a memória me não tenha atraiçoado; e que eu consiga ser o que pretendo: não eloquente, mas verdadeiro.

PRÓLOGO

Uma tarde — já lá vão talvez vinte anos —, entrei na "caixa" do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, para cumprimentar Pedro de Freitas Branco, que acabava de alcançar mais um extraordinário triunfo, a juntar — o que ele fez comovidamente — à série interminável de extraordinários triunfos, alcançados em concertos, que o mundo, deslumbrado, aplaudira de pé.

Pedro de Freitas Branco regera, com uma segurança inexcedível, a Orquestra Sinfónica Brasileira. Vibravam ainda no ar os aplausos delirantes com que, durante longos minutos, duas mil pessoas ovacionaram o insigne maestro português.

A tarde tropical — lembro-me bem — estava pesada de "mormaço", num prenúncio de tormenta próxima. E ali, no à-vontade de de um camarim, enquanto lá fora, na Avenida Rio Branco, os carros buzinavam com estrondo, tentámos, em vão, vencer uma moleza invencível, e para ali ficámos, espapaçados nas poltronas cómodas, derreados ao peso da tarde e ao peso mais pesado das emoções.

De todo o programa, impressionara-me sobremodo a única peça para mim desconhecida: a "Elegia à morte de Viana da Mota", do então jovem compositor português Joly Braga Santos. Era uma elegia sem lágrimas, grandiosa, sumptuosa, dominadora; não era a voz dos íntimos, chorando o morto querido: era a voz da História, consagrando o génio. Falámos, por isso, longamente, da música em Portugal. E, como não podia deixar de ser, pelas razões a que as minhas palavras, adiante, darão razão, falei-lhe de António Fragoso. O maestro, que até aí se expressara cansadamente, embora com a serenidade e a concisão próprias do seu espírito sereno e conciso, animou-se e vibrou, obediente à batuta invisível de uma emoção mais alta. A sua voz mudou de tom e de andamento: de *adágio*, passou a *alegro.*

Não posso hoje recordar as suas palavras; mas gravei no meu coração, com a força enternecida de uma saudade quase doce, a

totalidade do seu pensamento consagrador: — António Fragoso tinha a envergadura necessária para se tornar o maior compositor português de todos os tempos. Era um músico intelectual. A sua vincada personalidade impunha-o tanto à nossa admiração, como o seu génio de compositor. Espírito brilhante, de uma singular penetração, deixou-nos, no pouco que nos deixou, a amostra gloriosa daquilo que realizaria se tivesse tido tempo de realizar. "Mas que quer você? Vinte e um anos de vida não chegam para nada. E morrer aos vinte e um anos é quase não ter vivido".

Saí dali com o pensamento longe e o coração pequeno. A tarde, sem crepúsculo, era agora noite cerrada. Desci, com passo de ausente, a longa escadaria do teatro e fui sentar-me num banco da Praça Floriano. Diante de mim, erguia-se, tutelar, a sombra esfumada da estátua de Chopin. E ainda sob o império das palavras de Pedro de Freitas Branco, o meu pensamento ágil recuou vertiginosamente mais de trinta anos no tempo. Alheio à vida que à minha volta tumultuava, eu voltei, com uma realidade quase dolorosa de presença, àqueles dias pavorosos de alucinação e de tragédia, que eu vivera inconscientemente quando menino e que agora, sob a auréola conscientializadora dos primeiros cabelos brancos, eu recordava com indesejada nitidez.

O CENÁRIO

A aldeia da Pocariça, no concelho de Cantanhede, a 28 quilómetros de Coimbra, era, no final daquele verão de 1918, um burgo singular.

Cenário de uma parte apreciável da minha história, não fica mal que faça, aqui, uma resumida descrição da terra e da sua gente.

A sua origem é remota e vaga. Por toda a parte, têm surgido sinais iniludíveis da presença romana; e, no decorrer do primeiro quartel deste século, foram postos a descoberto — e de novo perdidos, por incúria não sei de quem — os restos abundantes de uma vasta necrópole. Nunca os vi; mas, muito embora fossem considerados também de origem romana, quero crer, pelas resumidas e insuficientes descrições chegadas ao meu conhecimento, que assinalavam uma presença humana em épocas muitíssimo mais recuadas.

Fazia parte, desde a formação administrativa do Reino, da freguesia de Cantanhede, até que, em 1630, se constituiu em freguesia autónoma. Já nessa altura possuía a sua Igreja Matriz, de traçado elegante e sóbrio, cujo final de construção remonta ao ano de 1618.

São do mesmo século, ou talvez do anterior, algumas das curiosíssimas casas de alpendre, que ainda hoje constituem uma das suas notas mais características.

Faz-se o acesso a esses alpendres por escadarias exteriores de pedra e por eles se estabelece a ligação com o andar nobre.

Sustentam o entablamento dos alpendres ou varandas, colunas de pedra de Ançã, de fustes cilíndricos de diferentes formatos e estilos (1).

(1) Dr. Viriato de Sá Fragoso — *A Freguesia da Pocariça do Concelho de Cantanhede — Apontamentos para a sua História*, Porto, 1939, pág. 19. Quem desejar conhecer, em pormenor, a história desta encantadora aldeia, não pode deixar de consultar esta obra definitiva, largamente documentada, fruto de longos anos de trabalho e proficiente investigação.

Numa dessas casas, a da Rua do Crucifixo, já dos meados do Século XVIII, nasceu, em 1888, a popular actriz do teatro musicado, Auzenda de Oliveira, filha de outra actriz popular, Isabel de Oliveira, também da Pocariça.

A povoação é de um notável equilíbrio topográfico. Largas e bem traçadas ruas — algumas lembrando quase avenidas — dão-lhe um aspecto de vila acolhedora e progressiva.

As suas terras de cultivo, de águas abundantes e onde predominam vinhedos, olivais, pomares, matas densas, pinheirais bucólicos, além de extensos leirões de semeadura, dão à paisagem um suave colorido, que convida à meditação e induz a uma grande paz interior.

Foi sempre exígua a sua densidade demográfica, que nunca atingiu o milhar. Embora conservando, como sentimento inalterável e quase sagrado, um grande amor à terra, a sua mocidade emigra com frequência, sobretudo para o Brasil. Noutro sentido, o mesmo se dá dentro das grandes famílias patriarcais, singularmente numerosas em burgo tão pequeno: os filhos-família, ao terminarem os seus cursos universitários, raramente emigram, no sentido etimológico de abandonar a pátria, mas, em geral, procuram, dentro dela, os grandes centros, onde mais fàcilmente podem aplicar a cultura que adquiriram e a inteligência que Deus, carinhoso protector desta terra que o Seu amor merece, lhes deu, em abundância e brilho. Por isso, no decorrer dos tempos, dali saíram, para ocupar posições de relevo e de prestígio social, médicos, engenheiros, advogados, juizes de direito, oficiais das forças armadas, artistas, professores, sacerdotes. Mas esses ausentes ilustres não esquecem nunca a terra onde nasceram, onde se formou o seu espírito na prática da dignidade e da virtude e onde os velhos troncos familiares permanecem. E a ela voltam, com frequência, trazendo amigos, companheiros, elementos da família noutro lugar constituída. Essas visitas de estranhos, geralmente jovens, tornam quase sempre inevitável a formação de novos lares, enamorados que ficam das filhas-família da terra, cheias de beleza e de graça.

Com o correr dos anos, num acordo lento e tácito, o período ideal para esses encontros ficou sendo o das férias grandes. Era natural que assim fosse, sobretudo se levarmos em conta a multiplicação nos filhos, libertos nessa época das suas obrigações escolares.

Nesse ano de 1918, parecia que um conjunto de circunstâncias convergia para uma afluência e uma animação incomuns. A Grande Guerra, o pecado máximo da humanidade contra si mesma, cujo próximo termo ainda ninguém previa, trazia os espíritos simultâneamente agitados e deprimidos; a desastrosa epopeia do 9 de Abril desferira um rude golpe na sentimentalidade nacional — e a ferida,

de tão recente, ainda sangrava. A par dessa sombra, que os clarões da metralha iluminavam em rubro, a gripe bronco-pneumónica projectava outra sombra no mundo, com todo o horror de um novo flagelo, dando a sensação do desencadear apocalíptico da formidável ira de Deus.

Tudo isto, a que se reuniam decerto outras circunstâncias indefinidas, dava ênfase à imperiosa necessidade de um imediato relaxamento da tensão que a todos dominava. E que melhor remédio, do que a *fuga* aos ambientes carregados de expectativa ansiosa, para a alheada serenidade de uma aldeia, aparentemente imune a todos os flagelos?

Na segunda quinzena de Julho, começaram a chegar os primeiros *veranistas*. Enchiam-se os lares acolhedores, de hóspedes sempre desejados.

De todas as famílias da aldeia, aquela que mais visitantes recebeu foi, sem dúvida, a do Dr. Viriato de Sá Fragoso, Contador da Comarca de Cantanhede, que constituíra o seu lar na Pocariça e ali vivia com sua mulher D. Maria Isabel, sua mãe D. Henriqueta, sua irmã D. Maria José, e as filhas Maria do Céu, de 19 anos, Maria Isabel, de 15 e o último rebento serôdio, a pequena Maria Fernanda, então com pouco mais de 3. Mas logo chegaram os outros filhos: Carlos, com 18 anos, que acabava de fazer acto do Grupo de Ciências Económicas da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra; e António, o mais velho, com 21, que completara um mês antes, com excepcional, inédito brilhantismo, o Curso Superior de Piano do Conservatório Nacional de Música de Lisboa. Nos fins de Agosto, vindas também de Lisboa, chegavam as famílias de Pedro de Sá Lima, irmão de D. Maria Isabel, e de Ernesto de Sá Fragoso, irmão do Dr. Viriato. Por último, do Porto, onde era lente da Faculdade de Medicina, veio outro irmão de D. Maria Isabel, o Prof. Dr. José de Oliveira Lima e sua mulher D. Corina Guerreiro.

Os outros lares também transbordavam de visitantes. A Pocariça animava-se de colorido humano: os velhos entretinham-se em longas horas de cavaco, rememorando o passado, contando casos, aquecendo-se ao calor benfazejo de um convívio amigo e de uma paz contente; a mocidade divertia-se a seu modo, em extensos passeios pelos campos, em animados piqueniques à sombra dos copados pinheirais, em bailes e festas que improvisava com a imaginação de quem ama a vida e procura vivê-la, em plenitude; a petizada, cada vez mais numerosa e mais extrovertida, corria em doida algazarra pelos caminhos das hortas, colhendo amoras nos silveirais, saciando a sua ânsia de frutas verdes e sentindo, sem a raciocinar,

a euforia das grandes liberdades sem freio. Enfim, todos realizavam, com consciência ou sem ela, o sonho bom com que haviam sonhado o ano inteiro.

Estava completo o cenário. A Morte, impaciente, batia os pés, gritando que já estava na hora. Nesse palco armado pelo destino, ia subir à cena uma das mais espantosas tragédias desse ano de 1918, tão fecundo em sombras. Pior do que a fome, pior do que a guerra — porque era a peste, trazendo consigo a desolação e ermando os corações.

A TRAGÉDIA

Entretanto, a *gripe-pneumónica* iniciara a sua marcha devastadora. De todos os cantos do mundo, chegavam as mais alarmantes notícias.

Na impossibilidade de isolar a longa fronteira com a Espanha, por ali ela penetrou em Portugal. Por isso, foi vulgarmente denominada a *Espanhola*.

Afora alguns casos isolados, de que não consegui qualquer confirmação, a pneumónica teve uma penetração lenta e tardia no concelho de Cantanhede. Mas em meados de Agosto, já grassava na freguesia de Portunhos, com grande intensidade. Depois, a pouco e pouco, infiltrando-se insidiosamente, foi penetrando em outras povoações do concelho: Pena, Outil, Lemede, Febres.

A sintomatologia do mal era, como sempre, vaga e, também como sempre, atingia de preferência os *adultos jovens, enquanto que as crianças e os velhos eram poupados ou só afectados em grau ligeiro* (2).

A falta de caracterização sintomatológica, a par da ignorância natural na gente rude dos campos, produziram devastações brutais. Os homens na lavoura, as mulheres no amanho da terra, sentiam uma *moleza* invencível apoderar-se deles; mas continuavam nas suas fainas, enquanto o mal progredia, até ao colapso final e sem remédio.

Em pouco tempo, todas as freguesias do concelho foram atingidas. O pânico generalizava-se. Quase não havia médicos, para atender a tantos chamados angustiantes. Não esqueçamos que Portugal estava em guerra e uma grande parcela de médicos tinha sido mobilizada, encontrando-se na França ou nas províncias ultramarinas.

Em fins de Setembro, o Administrador do concelho enviava ao Governador Civil de Coimbra um telegrama significativo e eloquente:

---

(2) *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. XII, pág. 790.

Grassa neste concelho com a maior intensidade a epidemia de gripe pneumónica (...) ocasionando muitos óbitos e ameaçando aumentar com os mais funestos resultados. Luta-se com falta quase absoluta de assistência médica. Peço V. Exa. dê imediatas providências a fim de que com a máxima brevidade sejam mobilizados para este concelho dois médicos ou na sua falta quintanistas medicina.

Este apelo desesperado ficou sem resposta. Não havia, em todo o país, médicos disponíveis. Todos lutavam contra o mal — e todos eram poucos.

Recordo ainda hoje as aflições de meu pai, Dr. José Gomes Lopes, médico em Cantanhede. Passava dias inteiros sem aparecer em casa, correndo as povoações vizinhas, procurando, por todas as formas ao seu alcance, aliviar tanta dor e tanta angústia. De noite, continuava a sua peregrinação, percorrendo os longos caminhos com as lanternas do carro apagadas, de forma a não ser reconhecido e ter de parar de porta em porta. Os casos mais graves eram aqueles a que mais pressurosamente acorria.

Nos primeiros dias de Outubro, a pneumónica atingiu Cantanhede. O jornal *Correio de Cantanhede* publicava a notícia alarmante:

Continua grassando com grande intensidade a epidemia de gripe, sendo já avultado o número de vítimas.

Nos lugares de Lemede, Pena, Outil, Portunhos, nesta vila, em toda a freguesia das Febres e de Cadima, a gripe tem atacado quase toda a população, encontrando-se de cama famílias inteiras.

O Hospital do Arcebispo Primaz está completamente cheio. É grande e aterradora a falta de médicos. Os poucos que há no concelho, apesar do trabalho contínuo e extenuante, não têm materialmente tempo para observar os inúmeros doentes. Oxalá que a autoridade superior do distrito dê as providências necessárias para que o pedido de dois médicos ou quintanistas de medicina(...) seja atendido com a máxima brevidade; de contrário, seria desumano deixar sem assistência médica uma grande parte dos desgraçados que a epidemia ataca.

Em virtude de ordens superiores e por motivo de saúde pública, foi retardada, para dia não designado, a abertura das aulas em todos os estabelecimentos de ensino e a realização do serviço de exames. Também foram proibidas as grandes feiras e romarias (3).

Entretanto, por um inexplicável capricho do destino, a freguesia da Pocariça parecia imune ao mal. Na ânsia de nos proteger de um contágio na realidade inevitável, meu pai, logo que os pri-

(3) *Correio de Cantanhede*, 10 de Outubro de 1918.

meiros casos apareceram em Cantanhede, apressou-se a mandar-nos, a mim e a minhas irmãs, para casa de meu avô Dr. Leonardo da Cruz Jorge, que residia na Pocariça. Poucos dias durou essa esperança de isolamento. Por volta do dia 6 de Outubro, o mal também ali desabou, com uma fúria devastadora, como se se quisesse vingar da sua dificuldade de penetração.

E desenrolaram-se então cenas medonhas. A serenidade paradisíaca daquela aldeia privilegiada converteu-se, da noite para o dia, num inferno de horror. Famílias inteiras eram devastadas. A morte entrava, lutando, em todas as casas e só de lá saía carregada de despojos. Ninguém mais se entendia. Um medo pânico avassalava todas as vontades. A passagem de um enterro desencadeava histerismos alucinatórios; por isso, os sepultamentos passaram a ser feitos de noite, furtivamente, para que a população desvairada não pudesse contá-los.

Meu pai desviara para a Pocariça toda a sua atenção e todo o seu desvelo. Uma tarde, em casa do Dr. Viriato, ouviu, vindo de um dos quartos, um grito estridente de mulher. Entrou. D.Corina Guerreiro Lima, sentada na cama, de olhos esgazeados por um pavor incontido, gritava:

— Eu não quero morrer... eu não quero morrer!

Junto da janela, de costas para o leito, o marido, Prof. Dr. José de Oliveira Lima, com a resignada serenidade de quem sabia esgotados todos os recursos ao seu alcance, fez um gesto significativo. Meu pai seguiu a orientação desse gesto e viu, na doente, os iniludíveis sinais de que mais nada havia a fazer. Saiu dali, também ele vencido e porque a sua presença era inútil: a doente estava bem acompanhada e os outros doentes ansiavam também por uma palavra de conforto e de esperança. E ao descer as escadas, ainda ouvia, cada vez mais ténue, cada vez mais flébil, a súplica desesperada daquela mulher que morria:

— Eu não quero morrer... eu não quero morrer... eu não quero morrer...

Na mesma casa, e quase ao mesmo tempo, também morria uma criança, Joana Maria da Conceição Soares, da família afim de Pedro de Sá Lima, que, como as outras crianças, viera à Pocariça numa ânsia de vida e que afinal a morte levou consigo.

Mas o horror continuou, num requinte de crueldade inédita. A realidade brutal venceu a imaginação mais fértil. E naquela casa, onde o amor se multiplicara em vidas, quatro irmãos foram tombando, como que esquecidos de Deus e órfãos da Sua infinita piedade.

António, Maria do Céu, Carlos e Maria Isabel morreram em cinco dias.

UMA HISTÓRIA DE 21 ANOS

I

... em 1896, após a conclusão dos meus estudos universitários, fixei a minha residência e constituí o meu lar nesta linda terra da Pocariça, — que de longos anos já vinha sendo a terra dos meus amores, por nela terem nascido e vivido minha santa Mãe e os meus ascendentes maternos, e a ela me prenderem as melhores recordações da minha infância (4)

O Dr. Viriato de Sá Fragoso, que concluíra o seu curso de Direito na Universidade de Coimbra, em Julho de 1896, casara, nesse mesmo ano, com a Sra. D. Maria Isabel de Sá Lima, passando a residir na Pocariça, numa casa situada logo ao princípio da rua de Santo António. Era uma casa muito linda, muito simples, muito portuguesa, com peanhas de pedra aos lados das quatro janelas do primeiro andar, onde vasos floridos davam uma nota de cor viva à imaculada brancura das paredes.

Foi nessa casa que em 17 de Junho de 1897, nasceu António Fragoso. Primeiro filho de um casal feliz, rodearam-no, naturalmente, os exagerados carinhos de uns pais que viviam num mundo encantado de ternura e de amor. E se a casa já era alegre de esperanças, ficou mais alegre de certezas.

O pequeno António trazia no sangue a seiva de longas e dignas gerações. Era neto paterno de José Augusto Nunes Fragoso, que foi escrivão de Direito em Santo Tirso e depois em Águeda, e de D. Henriqueta de Jesus Torreira de Sá; neto materno de António Maria Lima e de D. Fortunata Adelaide Torreira de Sá.

Os ascendentes de seu avô paterno eram naturais de Ois do Bairro, freguesia do concelho de Anadia; mas a família Fragoso tivera sempre íntimas ligações com a Pocariça. Um tio-avô, o Dr.

(4) Dr. Viriato de Sá Fragoso, obr. cit. pág. 7.

Joaquim Carlos Nunes Fragoso, era, em 1872, Juiz de Paz pela Pocariça. Na Pocariça, nasceu e morreu o seu primo segundo, Padre Henrique Carlos Fragoso, que foi grande orador sacro e capelão militar. Foi na Pocariça que, a 26 de Outubro de 1898 (tinha António Fragoso pouco mais de um ano), seu tio, o Reverendo Padre Carlos de Sá Fragoso, rezou a sua primeira missa. E foi ainda na Pocariça que constituiu família um outro tio, Ernesto de Sá Fragoso, que ali casou com D. Júlia de Magalhães Pessoa.

Seu avô materno nasceu e morreu na Pocariça.

Os ascendentes de suas avós paterna e materna (eram irmãs) nasceram todos na Pocariça, pelo menos até à sexta geração. Podem apontar-se, entre muitos outros: Tomé Joaquim de Sá, seu bisavô, formado em Grego e Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, que em 1842 tomou posse como Juiz de Paz pela Pocariça; Padre Luís António Torreira de Sá, seu tio-avô, que foi pároco da Pocariça durante vinte anos e mais tarde, em 1879, agraciado pelo Governo com o título de Prègador Régio; Dr. José Luís de Sá Pereira, seu trisavô, bacharel formado em Direito; Frei Domingos do Rosário Torreira, seu antepassado incerto, que foi frade no Convento do Buçaco e paroquiou a Pocariça em 1800; Dr. Padre Francisco José Torreira, seu tio-trisavô, que viveu no século XVIII — e tantos outros ascendentes ilustres, que marcaram, indelèvelmente, a boa cepa de onde provinha.

Baptizado na Igreja Matriz da Pocariça, tendo como padrinhos seu tio materno, o Prof. Dr. José de Oliveira Lima, e sua tia paterna, D. Maria José Fragoso, recebeu ali o nome de António — António de Lima Fragoso.

Tudo convergia para que fosse esse o seu nome: chamava-se António o seu avô materno, nasceu no mês de Santo António e na rua de Santo António...

Aos dois anos, Deus acendeu outra luz no seu lar tão iluminado de amor e de fé; e porque por vontade de Deus viera, chamou-se Maria do Céu. Foi providencial que essa luz viesse, porque, nesse ano de 1899, um pequeno véu de tristeza tombou sobre a casa: seu tio, o Reverendo Padre Carlos, era nomeado Secretário do Bispo de Meliapor e partia imediatamente para a Índia. Receberia, mais de trinta anos depois (1933), de Sua Santidade o Papa Pio XI, a confirmação pontifícia, como Bispo de Meliapor.

No ano seguinte, aquela fértil sementeira de novo floresceu. Chamou-se Carlos, em homenagem ao tio ausente na Índia longínqua e misteriosa. Com ele, nascia também o século XX, cheio de risonhas promessas.

E então, seguiram-se anos sem história. António crescia, mais em sentido figurado do que real. Seria sempre franzino de corpo, mas de inteligência muito viva; na sua expressão serena de criança, os olhos já revelavam nessa altura uma grande espiritualidade.

Aos seis anos, houve grandes, altas e significativas modificações na sua vida: foi para a escola, começou a aprender música e nasceu-lhe mais uma irmã — Maria Isabel, como a mãe.

Teve como primeiro mestre António Marques Negrão, de Cantanhede. Alma cândida e boa, apaixonado pela missão que escolhera, sabia incutir nos seus alunos, mais do que as luzes da ciência, a rectidão do carácter.

Se a escola era o caminho costumado de todas as crianças da sua idade e da sua condição, o ensino tão precoce da música deveria ter tido uma motivação já fora da normalidade consuetudinária: ou determinada por circunstâncias especiais externas (norma habitual de família, por exemplo), ou imposta por eloquente exteriorização de uma tendência. Creio que, no caso de António Fragoso, foi esta segunda hipótese a causa determinante. Com efeito, parece que mostrara *desde muito criança irreprimível inclinação para a música. Tão manifesta era essa inclinação que logo com as primeiras letras começou a aprender rudimentos de música e piano com seu tio, o Dr. António dos Santos Tovim, médico em Cantanhede e, nos ócios da sua profissão, hábil cultor de música* (5).

A primeira hipótese, contudo, não é totalmente indefensável; mas, mesmo aceita, só o poderá ser como complementação da segunda. Conheci seu pai como um homem com profundos conhecimentos musicais. Esta impressão, porém, que ficou gravada na minha memória, é já da idade da plena razão, posterior, portanto, à catástrofe de 1918. Não seria esse conhecimento e esse amor pela música, tão exuberantemente mostrados pelo Dr. Viriato, uma subtil e espiritualizada manifestação de saudade? Uma coisa é certa: ele ainda não tinha pressentido, nessa altura, o génio do filho; e o amor tão extraordinário pela música, que a criança deveria claramente demonstrar, era decerto interpretado como uma curiosidade, um *gosto* — e não ainda como uma predestinação. Assim, o caminho que Deus lhe traçara teve de ser mostrado pela sua própria vontade, ou, talvez mais acertadamente, pelo seu próprio instinto.

O Dr. António dos Santos Tovim, médico categorizado, inteligente e culto, deve ter tido uma mais bem demarcada intuição de que aquela criança não era igual às outras: viera ao mundo para

---

(5) Adriano Merêa, 15 de Abril de 1923, in *Composições para Piano*, de António Fragoso.

cumprir um altíssimo destino. Tio por afinidade do pequeno António Fragoso (sua mulher, D. Henriqueta de Sá Lima, era irmã de D. Maria Isabel, mãe de António), fácil lhe foi observar, com assiduidade, o comportamento do sobrinho e dele tirar conclusões. António era, nas suas mãos de artista, um barro macio e dócil, *revelando não só uma grande paixão pela música, como uma extraordinária aptidão artística, que foi sucessivamente confirmando* (6).

Tio e sobrinho formavam, no seu complexo de convergência, uma verdadeira simbiose. Se ensinar música ao sobrinho era uma válvula para a veia artística do Dr. António dos Santos Tovim, facilitando-lhe a realização do seu *hobby*, como se diria hoje, iniciar com o tio o aprendizado da música foi, para António Fragoso, a forma de penetrar suavemente, naturalmente, naquele mundo encantado de harmonias, que começava a ser, para ele, o único mundo real.

E voltaram a rolar anos iguais.

Num deles, fez António a sua primeira Comunhão, num dia de Nossa Senhora da Conceição, Padroeira da Pocariça, ou talvez no de São Sebastião, que *é a maior festa da terra. Nela fazem a sua primeira Comunhão as crianças que se vão preparando para esse acto solene durante o tempo que medeia de uma a outra. É por vezes festa rija, com ornamentação das ruas, procissão, arraial, muito fogo de artifício, duas ou três afamadas bandas de música* (7).

As *afamadas bandas de música* deviam fazer as delícias do pequeno António. Por isso, ele não perdia os arraiais, não só o de São Sebastião, mas também o de Nossa Senhora das Dores, nas Arrotas, pequena povoação da freguesia.

António, então com oito ou nove anos, era uma criança aparentemente tranquila. Toda a sua agitação era interior. Assimilara todos os ensinamentos musicais do tio. Ultrapassara-os, até; mas, na evolução artística de António Fragoso, a influência de seu tio foi profundamente benéfica. Teve entre as mãos um génio ainda latente, numa idade perigosa, em que seria fácil destruir ou firmar uma vocação. Firmou-lha. Por isso, na história do génio de António Fragoso, o Dr. António dos Santos Tovim é um nome a decorar.

Teria já, nessa altura, predilecções? É possível, é quase certo. Mas torna-se difícil adivinhar o que ia pela cabeça de uma criança de génio, *que ninguém sabia ainda que era!*

---

(6) *O Dia*, de Lisboa, 5 de Julho de 1918.

(7) Dr. Viriato de Sá Fragoso, obr. cit., pág. 86.

A sua instrução primária prosseguia em ritmo normal. Era agora seu professor o Dr. Joaquim Pessoa da Fonseca, da Pocariça, homem de grande cultura, com mais de quarenta anos de experiência didáctica.

António era um aluno exemplar. Já nessa idade cumpria, com rigorosa observância, tudo aquilo que considerava um dever. Mas para além de todo o dever, para além de todo o querer, quase que para além de todo o sentir, a sua paixão pela música crescia, ocupava a parte mais nobre e mais alta de todos os seus pensamentos. A música era, para ele, o ar que se respira, a roupa que agasalha, o pão que alimenta. Tinha a certeza disso: se lhe tirassem a música, sufocaria, e acabaria por morrer de fome e de frio.

E assim, no lento escoar dos dias, veio o ano de 1907. Maria do Céu era já aluna da escola do sexo feminino, fundada na Pocariça em 1886 a expensas de três homens abnegados, entre os quais se encontrava seu avô, António Maria Lima; Carlos frequentava, desde o ano anterior, a mesma escola do irmão, ainda superiormente dirigida pelo Dr. Joaquim Pessoa da Fonseca. Maria Isabel, então com quatro anos, limitava-se a viver e a sorrir.

Mas, esse ano de 1907 seria um novo ano de profundas mutações na vida de António Fragoso. Em Julho, fez o exame final de instrução primária, onde a sua inteligência, acentuadamente fora de série, brilhou, para orgulho do seu mestre e encantamento de pais e irmãos.

A vida serena de aldeia ia terminar. A alegria de um povo que cantava de sol a sol, nas hortas, nos campos, nas vinhas, nos lares; o chilrear polifónico de mil pássaros, esvoaçando entre as árvores, ou rasgando o ar em arabescos de graça; os crepúsculos sonoros de ranchos alegres recolhendo das fainas; os longos silêncios das noites calmas, cheios de vibrações, de cadências e de harmonias que só os seus ouvidos captavam, — tudo ia ficar para trás, aureolando uma meninice que chegava ao fim, tudo se iria resumir em memórias de suave musicalidade.

Estava traçado o seu próximo destino, que ele aceitava, mesmo sem ter sido ainda consultado, porque representaria a base de uma cultura geral que adivinhava indispensável, para nela assentar, com solidez e dignidade, o sonho imenso que crescia, ainda tumultuado, no seu coração.

E em Outubro, partiu para o Porto, para casa de seu tio e padrinho, o Prof. Dr. José de Oliveira Lima, figura de enorme prestígio na capital do Norte. Poucos dias depois de chegar, começou a frequentar o Curso Geral dos Liceus.

II

No Porto, enquanto frequentava o Liceu, tudo fez para conseguir — e conseguiu — não descurar a sua educação musical. Além do natural e indispensável beneplácito de seus pais, muito deve ter contribuído para lhe facilitar a realização do seu desejo a interferência de seu tio e padrinho, *espírito esclarecido e apaixonado por todas as manifestações de arte* (8).

A sorte parecia favorecê-lo, ao reiniciar o seu aperfeiçoamento de piano pelas mãos hábeis e competentíssimas do professor Ernesto Maia, sem dúvida a maior autoridade local. Ernesto Maia fora aluno, em Paris, da notável pianista Marée Jaell, com quem estudou um método original de ensino aplicado às crianças.

Se o mestre entusiasmou o aluno, porque viu nele alguém que pudesse orientar os seus voos audaciosos de criança precoce, o aluno deslumbrou o mestre, pois nunca lhe passara pelas mãos um temperamento musical de tanta pureza.

António, contudo, apesar dos seus dez anos, já não parecia uma criança, pelo menos não era uma criança igual às outras. A agitação da sua vida interior não se reflectia exteriormente. Tinha um feitio sério, concentrado. Sabia ouvir. Prestava a máxima atenção ao que diziam os mais velhos, junto dos quais se sentia perfeitamente à vontade. As outras crianças achavam-no uma pessoa estranha. Foi, sem dúvida, por elas mal interpretado. Temiam quase a sua companhia. Como as não procurasse, porque as suas conversas, os seus divertimentos, as suas infantilidades lhe não interessavam, o irritavam até, as crianças evitavam-no, porque o não entendiam, porque lhes metia medo aquela concentração, para elas tão pouco natural. Foi este talvez o período mais doloroso da vida de António, período que se estenderia por cinco ou seis anos, incompreendido pelas crianças e ainda não compreendido pelos adultos, isolado no seu génio, que levedava.

Em Abril de 1908, teve a alegria de rever o tio ausente. Padre Carlos viera a Portugal, onde havia de permanecer quase um ano. Em Julho, António voltou à Pocariça, já vencido, com brilho, o primeiro ano do Liceu.

O seu aperfeiçoamento musical prosseguia em ritmo acelerado.

---

(8) Adriano Merêa, art. cit.

Em Março de 1909, o tio Padre Carlos voltou para Meliapor, já então, além de Secretário, Prior de S. Tomé de Meliapor, Reitor do Seminário e Professor de Filosofia.

E, mais uma vez, chegaram as férias grandes. Na Pocariça, António não encontrava distracção fora do seu sonho. Fora dele, se o ambiente, as conversas, as próprias grandes amizades não convergiam para ele, tudo o aborrecia profundamente, o entediava, o amargurava. E para nele mergulhar com delícias intraduzíveis, quase com êxtases de iluminado, preferia caminhar à toa, pelos campos, ouvir o assobiar do vento nos pinhais, escutar a água em cantatas humildes deslizando pelos córregos. Êsses sons familiares, essas vibrações da aldeia harmonizavam-se no seu espírito, criavam ritmo, cadência, e nele se fixavam em criação. Nasceram assim as primeiras *Toadas da minha Aldeia,* que remontam aos seus doze anos. E *aos doze anos, quando os da sua idade brincavam ainda com soldadinhos de chumbo, António Fragoso isolava-se já para escutar no rumorejar das fontes, no sussurrar das árvores, em todas as vozes da Natureza, aquelas melodias ardentes, arfantes e sensuais que formam o encanto incomparável da sua produção de artista precocemente amadurecido* (9).

António entrava na adolescência, na idade em que o coração começa a gritar que existe, despertando para inéditas sensações. Não fugiu à regra da exaltação amorosa, que avassala os sentidos e tudo parece dominar, como única possibilidade de permanência na vida que se expande. Simplesmente, nele, era a Música a sua namorada; mais: a noiva eleita do seu coração.

Em Julho de 1912, completou, com quinze anos, o Curso Geral dos Liceus. Julgava perfeitamente estruturada a base de conhecimentos gerais que se propusera adquirir. O seu sonho, agora, era mais alto.

Durante as férias, escreveu a Adriano Merêa, professor do Conservatório e que subscrevia artigos de crítica musical no jornal *O Dia* de Lisboa. Nessa carta, que Adriano Merêa recordará mais tarde, num longo artigo, eram-lhe solicitadas *indicações sobre coisas de literatura musical.* Satisfez o pedido, ignorando ainda a quem se destinava. E António mergulhou numa leitura ansiosa, total, de forma a poder integrar-se no seu mundo, no reino do seu amor e da sua apaixonada fantasia.

Como todos os génios, porém, António continuava a ser um incompreendido. Tìmidamente, expusera a seus pais o ardente dese-

---

(9) Oliva Guerra, in *Bazar das Letras* do jornal *A Voz*, de Lisboa, 23 de Abril de 1960.

jo de se dedicar à música. Abrira-lhes o seu coração; mas a força da rotina foi ainda mais forte. Decerto compreendiam a paixão do filho; mas compreendiam-na apenas como derivativo, como complementação de conhecimentos e transbordamento de tendências — não como destino. A vida não poderia submeter-se ao sonho. E António precisava de preparar-se para a vida. Visse o pai, olhasse para os tios, reparasse em todos aqueles que o rodeavam. Era necessário, antes de mais nada, orientar-se para uma profissão séria, que lhe desse garantias de sobrevivência, de estabilidade. Depois, arrumado na vida cómoda, burguesa, com o pão certo para ele e para uma família que haveria de constituir, daria então, nas horas vagas, vazão ao seu desejo de tocar, de compor, de sonhar enfim.

Nesse dia, António deve ter chorado, sem que ninguém o visse. Tinha vergonha das suas lágrimas — e tinha, sobretudo, receio de que fossem mal interpretadas, pois não eram lágrimas de rebeldia, mas de desesperança.

Mais uma vez, o seu amor, a sua dedicação, o seu respeito por aqueles que mais considerava na vida levavam-no a um acto de consciente mas dolorosa renúncia. E em Outubro desse ano triste de 1912, com a noite a adensar-se na alma, matriculava-se no 1.º ano do Curso Superior de Comércio do Instituto Industrial e Comercial do Porto.

Resolvera, contudo, obstinadamente, mostrar de quanto era capaz. E nas férias do Natal, mostrou ao seu querido amigo Dr. Jorge da Cruz Jorge as cinco canções que compusera, sobre poesias portuguesas e que formavam as *Toadas da minha Aldeia*. O Dr. Jorge da Cruz Jorge, espírito de artista, mais plástico do que musical, é certo, mas mesmo assim com a sensibilidade necessária para apreender o que havia de novidade nessas canções de moldes tradicionais, entusiasmou-se com o que ouviu, adivinhou o transcendente significado daquele começo e correu, de porta em porta, a convocar as senhoras da terra; e no dia 1.º de Janeiro de 1913, cantou-se, pela primeira vez, na Pocariça, uma canção de António Fragoso. Ele próprio o recordará — direi mesmo, o imortalizará — na dedicatória à primeira canção, *Cantigas da nossa terra,* com versos de Vicente Arnoso: *As Senhoras que primeiro a cantaram em 1 de Janeiro de 1913.*

Um dia, tomou conhecimento de que o Conservatório Nacional de Música, de Lisboa, abrira concurso para pensionista do Estado, no estrangeiro, na classe de piano. *Seria que...?* — mas não, era absurdo pensar em tal. Muitos seriam os concorrentes, alguns já com o curso superior de piano; e ele, simples aluno particular, tocando apenas nas horas que os deveres escolares lhe deixavam

livres, poderia, acaso, ter veleidades? Mas... *quem sabe se...?* — e outro pensamento o assaltou, esse mais lógico, talvez menos imediatista, mas de mais profunda repercussão na sua vida. Não podia vencer o concurso, estava claro. Contudo, se conseguisse alcançar uma boa classificação, não calaria esse resultado no ânimo dos pais, facilitando-lhe a realização do íntimo desejo que o não abandonava?

Com certa relutância, expôs a Ernesto Maia o seu propósito ostensivo: concorrer à bolsa de estudos no estrangeiro, como pensionista do Estado. Não lhe falou, evidentemente, no outro propósito oculto, Para sua surpresa, Ernesto Maia abraçou a ideia com entusiasmo. O consentimento dos pais não foi difícil de conseguir. Eles conheciam as dificuldades de semelhante concurso, intransponíveis para uma criança que ainda não passara da *instrução primária* do piano. Surgiriam decerto antagonistas com muito mais fortes credenciais e um saber muito mais profundo. Talvez até que uma derrota esmorecesse a *febre* do filho, o seu exagerado amor pela música, fazendo-o olhar a vida por outro prisma mais prático e mais sensato. Que concorresse, se quisesse; mas sem que tal concurso interferisse na sua carreira.

Aceitou a imposição. Em Julho, fez actos do primeiro ano do Curso Superior de Comércio, obtendo várias distinções. Estava fadado às distinções, mesmo naquilo de que não gostava!

Atirou-se, então, com febril entusiasmo, à preparação para o concurso, preparação naturalmente desordenada, querendo reconquistar o tempo perdido. E lá foi para Lisboa, cheio de confiança na sua estrela.

Não venceu, como era de esperar. Seria milagre se vencesse; e a vida não gosta de alterar a ordem natural das coisas. Contudo, essa criança de 16 anos, que entrou pela primeira vez no Conservatório para prestar provas, converteu-se, sem o saber, no espanto de um júri rigoroso e sábio, tal o brilhantismo com que se apresentou e que fez jus a uma alta classificação.

Voltou para a Pocariça; e quando todos esperavam vê-lo acabrunhado pela derrota, viram-no, pelo contrário, cheio de entusiasmo, informando haver já combinado, com a Casa Valentim de Carvalho, a edição das suas *Toadas da minha Aldeia.*

Aguardava-o mais uma desilusão. O seu esforço tenaz, a sua vontade heróica ainda desta vez não venceram uma rotina superior às suas forças. Entrou em desespero. Fora da arte, a sua vida não tinha finalidade. Aquela luta contra mil contrariedades e mil preconceitos era um apostar no futuro, cada vez mais futuro, cada vez mais longe de um presente que seria a sua realização.

Resignado, infeliz, mergulhado numa escuridão sem esperança de dia, em Outubro de 1913 matriculou-se no segundo ano do Curso Superior de Comércio.

Abriu-se com Ernesto Maia; mas o velho mestre nada podia fazer, senão aconselhar resignação e esperança. Abriu-se com seu padrinho; mas o Prof. Dr. José de Oliveira Lima era, apesar de artista, um homem prático. E a arte, a verdadeira arte, aquela que prende, que avassala, que domina, que bóia, como o azeite, por cima de todas as águas, essa arte a que se entregara com amor, com ternura, com devotamento, quase que com volúpia, nada queria saber dos caminhos práticos da vida, porque era superior à vida e galgava, espiritualizada, por sobre a aridez de todos os caminhos.

Acrescente-se, para dar maior ênfase aos seus negros pensamentos, que António Fragoso era ainda, e apenas, um romântico. Amava todos os românticos; e entre eles, como Júpiter supremo, era Chopin quem ele sentava no trono desse Olimpo sonoro. Além das canções, a sua produção dessa época compunha-se sobretudo de valsas, prelúdios — e até de mazurkas. A fase dita impressionista só começaria a surgir um ano depois.

Mas o seu poder de abdicação estava a chegar ao fim. Era impossível manter uma situação artificial com que se não conformava e contra a qual gritavam, em uníssono, todos os seus sentidos, todas as suas tendências, todas as suas aspirações. Corpo e alma rebelavam-se, num grito mudo que só ele ouvia, e que, por isso, era ainda mais doloroso, mais perturbador.

Quando chegaram as férias da Páscoa de 1914, estava decidido. E voltou à Pocariça, em companhia do Prof. Dr. José de Oliveira Lima, cheio de confiança. Mais que confiança: certeza.

A Páscoa era então na Pocariça, e continua a sê-lo, uma festa característica e de extraordinária cor local.

Poucas terras haverá no país em que se realize uma festividade de tanta alegria e de tanta emoção, como na Pocariça, pela Páscoa.

Em todas as casas — salvo nas que estejam de luto recente — se abrem as portas ao pároco e a todas as pessoas que o acompanham. Em todas elas, ainda nas mais pobres, se encontra uma mesa com um Crucifixo e com a esmola para o pároco.

Este entra acompanhado do Regedor que dá a Cruz a beijar às pessoas da casa e aos amigos que nela se encontram, enquanto o pároco as asperge e lhes dá as boas-festas.

Depois saem todos e vão atrás da Cruz, formando cortejo que vai engrossando cada vez mais, de forma que, quando o pároco

chega às últimas casas, quase toda a população, principalmente a masculina, se encontra na rua, entrando nas diferentes casas as pessoas mais da intimidade dos donos delas.

Todos procuram obsequiar as suas visitas, oferecendo-lhes doces, vinhos finos, etc.

Muitas são as inimizades ou retraimentos que nesse dia se dissipam, o que não deixa de constituir uma das feições mais simpáticas de tão interessante festa.

É, por excelência, a festa de confraternização dos pobres e dos mais remediados, que nesse dia se irmanam num mesmo sentimento de respeitosa estima. (10)

Pois foi esse dia de confraternização e de amor, de compreensão e de paz, que António, talvez intencionalmente, escolheu para concretizar a sua grande decisão. Pensou, longamente, nas frases com que havia de comover pai e padrinho. *Dócil por índole, respeitador por educação, António Fragoso tremia só com a ideia de contrariar aqueles que considerava os seus maiores amigos.* (11)

Nesse dia, contudo, *extremamente constrangido por se desviar da propensão natural (...), tão confiado se lhes mostrou num futuro de artista e tão íntima era a mágoa de se não dedicar desde logo exclusivamente à música, que o seu empenho vingou.* (12)

Disse alguém, algures, que *a família opunha forte resistência a que ele seguisse a carreira da música.* Não me parece totalmente verdadeira esta afirmação. A família opôs, à sua argumentação artística, uma argumentação prática, a que ele (*dócil por índole, respeitador por educação*) se submeteu. No dia em que os seus argumentos demarcaram, com clareza, que era aquele o *único* caminho que o levaria a um destino certo, todas as resistências se esboroaram, porque elas eram, na realidade, não teimosia cega, mas simplesmente amor. A memória do Dr. Viriato de Sá Fragoso, que conheci o suficiente para lhe reconhecer, a par da integridade do carácter, uma inata bondade e um cristalino espírito de justiça e de conciliação, merece que se rectifique, de uma vez por todas, um conceito que criou indevidas raízes.

Acredito, hoje, que muito influiu também para essa decisão a interferência de sua tia e madrinha, D. Maria José Fragoso, que se tornara uma espécie de confidente do pequeno António. Era habitualmente a ela que recorria, ávido por outra opinião que não a própria, quando, ao piano, dedilhava as suas composições.

---

(10) Dr. Viriato de Sá Fragoso, obr. cit. págs. 89 e 90.

(11) Adriano Merêa, art. cit.

(12) Adriano Merêa, art. cit.

Interrompeu então — e finalmente! — o Curso Superior de Comércio e seguiu para Lisboa, para a companhia de outro tio materno, Pedro de Sá Lima, inscrevendo-se imediatamente no Conservatório, aluno de Harmonia, com Tomás Borba; de Acompanhamento e Leitura de Partituras, com Luís de Freitas Branco; e de Piano, com Marcos Garin.

III

A pureza da sua alma, a bondade do seu coração depressa esqueceram as longas amarguras por que passara, até àquele instante de vitória, em que podia dar vazão à febre de encantamento que o possuía e que tornava a sua vida uma explosão luminosa.

Trazia nos olhos cândidos uma chama de entusiasmo e de deslumbramento, ateada por justificáveis ambições de glória, nela se misturando o clarão dolente de uma evocação infantil das visões patriarcais da sua aldeia natal. (13)

Passou, então, a viver só para o seu sonho. Nada mais lhe interessava — e era imensamente feliz.

Uma noite, durante o intervalo de um concerto, alguém o apresentou a Adriano Merêa, que o descreve como *um rapaz imberbe e de estatura miúda, mas vivo e muito aprumado.* (14) Logo às primeiras frases, compreendeu Adriano Merêa que tinha na sua frente, por um capricho do destino, o rapaz a quem enviara, dois anos antes, para as bandas de Coimbra, as solicitadas informações sobre *coisas de literatura musical.* Deu à conversa um rumo intencional de prospecção; e verificou, entre surpreso e maravilhado, que aquele rapaz de aspecto tranquilo, em que só os olhos denunciavam a ebulição interior, lera e assimilara tudo, não só em superfície mas principalmente em profundidade, e dessa leitura extraíra toda uma filosofia da arte, que lhe apontou rumos e preferências. Continua Adriano Merêa: *Certo em toda a audição musical, continuámos depois a encontrá-lo; por um e outro, soubemos não só se dedicar ao piano, mas também à composição, e quais as suas tendências neste sentido inútil era perguntar: bastava observar nas capas das músicas, que com frequência sobraçava, os nomes dos impressionistas mais em voga.* (15)

---

(13) Oliva Guerra, art. cit.

(14) Dom Modesto (Adriano Merêa), in *O Dia*, de Lisboa, 17 de Maio de 1916.

(15) Dom Modesto (Adriano Merêa), art. cit.

Contudo, António não compunha desde que viera do Porto. Traçara um apertado programa para vencer o destino na corrida, conquistando, com esforço e tenacidade, o longo tempo perdido. Abria sòmente excepções para os concertos a que não faltava — e que eram, em última análise, um estudo ao vivo, uma aula de prática auditiva, mais uma porta de entrada para o seu encantado mundo de sons e de harmonias. Fora disso, e da assídua frequência ao Conservatório, ninguém o via pelas ruas, o Chiado permanecia virgem dos seus passos, Lisboa era para ele um deserto, sem homens e sem tentações. Anacoreta do seu sonho, no seu sonho se isolava.

E foi assim que, *entregue à competentíssima direcção do Professor do Conservatório Nacional de Música Sr. Marcos Garin, logo em Julho seguinte fazia naquela escola os dois anos do Curso de Rudimentos e os três primeiros anos do Curso Geral de piano, em que obteve distinção com 17 valores.* (16)

Cinco anos em quatro meses constituíam um acontecimento inédito na história do Conservatório. Começava a ser olhado com respeito. O seu nome já era pronunciado, para além das barreiras estreitas da Escola, como o de "um rapaz que prometia". Mas esses cinco anos em quatro meses haviam também constituído um esforço sobre-humano, vencido apenas pela obstinação da sua vontade.

Nos primeiros dias de Agosto, regressou à Pocariça, para umas férias desejadas — e merecidas. Levava consigo o contentamento íntimo da vitória alcançada.

No dia 4 desse mês, em consequência do atentado de Sarajevo, tivera início a Grande Guerra; mas, alheio à luta dos homens e dos seus interesses mesquinhos, António Fragoso sentia, pela primeira vez na vida, uma infinita paz descer sobre o seu coração.

1915 seria um ano de novas vitórias e de grandes realizações. Estudava com pertinácia — e compunha com abundância. Depois de quase um ano sem criações, a inspiração vinha-lhe agora fácil, espontânea; e o acto de compor, de dar extravasamento ao tumultuar de harmonias que já não cabiam dentro dele, deixava de representar um simples prazer, porque se constituíra numa premente necessidade do seu espírito.

No dia 30 de Março, na Academia de Amadores de Música, apresentou-se, pela primeira vez, pùblicamente. Aplaudidíssimo pela assistência, que enchia completamente a sala do Conservatório, An-

---

(16) Dr. Viriato de Sá Fragoso, obr. cit. pág. 180.

tónio Fragoso *executou ao piano dois dificílimos solos, revelando uma perfeita técnica e grande sensibilidade artística.* (17)

A grande imprensa começava a descobri-lo e a isolá-lo da multidão anónima, porque *uma vez em Lisboa, chamou sobre si as atenções logo aos primeiros contactos com o público. Pianista de mérito, seduzia pelo rasgo caloroso e arrebatado das suas interpretações.* (18)

Foi nesse ano que Rui Coelho teve o seu primeiro encontro com António Fragoso. Deixemos falar o maestro, com as suas próprias palavras:

...estava eu em volta dos meus vinte e cinco anos (19), *alguém me procurou para eu ouvir algumas obras de António Fragoso, nome para mim, nessa época, inteiramente desconhecido, acrescentando logo que o fim dessa audição seria o autor pedir-me que instrumentasse as suas páginas de piano, no caso de eu as achar boas.*

Aceitei, e numa tarde combinada, encontrámo-nos na Casa de Músicas Oliveira, nesta época ainda no Rossio.

António Fragoso, mais novo do que eu talvez uns três ou quatro anos (20), *sentou-se a um piano e tocou uma "Suite" sua, em três andamentos.* (21)

No fim, perguntei-lhe: Onde estuda? No Conservatório, respondeu ele.

Já lhe disseram, lá no Conservatório, que você é um extraordinário talento?

A esta minha nova pergunta, ele respondeu fixando-me bem: "Não".

E eu insisti de novo: Mas nunca lhe disseram que você tem um grande talento de compositor?

Mais uma vez António Fragoso me respondeu: "Não".

Pois, disse-lhe eu, com toda a convicção dos meus vinte e cinco anos: — Você é o maior talento de compositor que eu conheço, na Música Nacional, antiga e contemporânea.

E, como tal, apesar de precisar muito do dinheiro que você me daria para lhe fazer a instrumentação dessa sua "Suite", não a faço, porque não desejo transportar para a orquestra uma obra tão bela e tão pianística, que se deve manter, como você a escreveu, no instrumento próprio. (22)

---

(17) *O Século*, de Lisboa, 1 de Abril de 1915.

(18) Oliva Guerra, art. cit.

(19) Exactamente, 23 anos.

(20) Quase cinco anos e meio.

(21) A *Petite Suite* do 1.º Caderno.

(22) Rui Coelho, in *Diário da Manhã*, de Lisboa, 9 de Fevereiro de 1936.



Casa da Rua de Santo António, onde nasceu António Fragoso. É residência paroquial desde 1947.



Lápide de mármore, mandada colocar pelo Rev. Padre Manuel António Marques, em 1947, na casa onde nasceu António Fragoso.

PETITE SUITE.

Ao Emilio Doria Meunier.

I.
Prelúdio.

Andante lamentoso com muita expressão.

Piano.

pp

dim. e ret. um pouco

a tempo

Ped. *simile*

dim.

pp

um pouco agitado

cresc.

82127

Primeira página do *Prelúdio* da *Petite Suite*.

Ele que é músico, compreendeu-me logo, e eu desde então comecei a distingui-lo de toda essa turba de "caixeiros da arte", que por aí se dizem artistas.

Era a primeira vez que no meu país encontrava um autêntico talento musical, puríssimo e cheio de fé.

Sobretudo, uma das coisas que mais me encantavam, era observar que esse rapaz, como todos os artistas de vinte anos, não sabia aonde ia a força das suas aptidões musicais. E por isso é que ele ficava sempre desconfiado com as minhas palavras insistentes: "Você é um talento", e nunca me respondeu: "Bem sei". (23)

De 13 para 14 de Maio, rebentou em Lisboa uma terrível revolução. (24)

Foi uma luta feroz, sanguinária, fratricida. Naturalmente, como tudo o mais, o Conservatório fechou. António viveu dias de angústia: mais tempo perdido, depois de tanto tempo perdido! Mas a paz voltou depressa. E António pôde, a 8 de Julho, fazer as provas do 4.º e 5.º anos do Curso Geral de piano, obtendo a mesma classificação de 17 valores.

Mais dois anos vencidos num só! Continuava a ganhar tempo. A sua vocação extraordinária frutificava em novas vitórias.

Nas férias grandes, ouviu, pela primeira vez, tocar a célebre Banda da Pocariça, que então se chamava Associação Musical Recreativa da Pocariça, criada meses antes — e que mais tarde havia de adquirir projecção nacional.

A paixão de António comunicara-se, contagiante e benfazeja, a toda a família. Maria do Céu já tocava — e bem — violino e piano; Maria Isabel estendia com graça os seus deditos de criança, para alcançar, sem maior esforço, a escala do violoncelo. Carlos, mais rebelde e mais ocupado — frequentava então o último ano do Liceu em Coimbra — não se definia por um instrumento, todos dedilhando com à-vontade, mas sem largos voos de inspiração. E assim, na alegria daquela casa, no riso cantante de quatro adolescentes, no riso de beatitude de dois pais que consideravam a vida uma bênção, no riso carinhoso e compreensivo de uma tia para quem os sobrinhos eram explosões de luz, no riso feito saudade presente de uma avó enternecida —, os quatro irmãos, amando-se, compreendendo-se, formavam o mais harmonioso e sonoro acorde perfeito maior. Para quebrar, porém, a monotonia desse acorde de tónica,

---

(23) Rui Coelho, in *A Ideia Nacional*, de Lisboa, 25 de Maio de 1916.

(24) *A Tradição*, de Cantanhede, 23 de Maio de 1915.

era necessário que outra nota viesse, dissonante, mas convergente, melódica e colorida. E nesse ano de 1915, dezoito anos depois de António, o mais velho, e onze anos depois de Maria Isabel, a mais nova, nasceu a Maria Fernanda — a 7.ª dominante, que veio completar a harmonia daquela canção de amor, que parecia imortal.

O dia 16 de Maio de 1916 foi, para António, um daqueles dias que se não esquecem, mesmo numa longa vida, quanto mais a dois anos e meio do seu termo! Ia, pela primeira vez, apresentar-se em público, já não como pianista a caminho da consagração — mas como compositor.

Foi na Academia de Amadores de Música que António Fragoso, perante uma numerosa e exigente assistência, teve o gesto audacioso (mais ainda do que audacioso, quase atrevido, para aqueles que conheciam de perto o seu feitio reservado e quase tímido) de apresentar um programa composto exclusivamente de músicas da sua autoria: *Toadas da minha Aldeia,* cantadas por um coro de alunos do Conservatório; *Consolation,* lied, por Sara de Sousa; *Sonata, Prelúdio* e *Petite Suite,* tocados pelo autor; e *Trio,* tocado pelo autor, Flaviano Rodrigues e José Henriques dos Santos.

Com excepção das *Toadas da minha Aldeia,* escritas e publicadas no início da sua mocidade, todas as outras eram peças do ano anterior de 1915.

A crítica recebeu esta apresentação com um sentimento incontido de espanto. Seria possível que um garoto de dezoito anos (completaria dezanove um mês depois) escrevesse *aquilo*? Nota-se, no noticiário da época, uma certa prudência em afirmar, tal o inusitado do acontecimento. Teriam ouvido bem? Teriam compreendido bem? Mas o entusiasmo acabou vencendo todas as barreiras da dúvida. E, réferindo-se às peças tocadas pelo autor, Adriano Merêa terminava o seu longo artigo com estas considerações consagradoras:

Em qualquer delas avulta a influência impressionista, que nada nos surpreendeu (...) Com tão pouca prática de estudo e de trabalho não se escreve qualquer daquelas peças — onde, a par da constante preocupação do modernismo, há também coisas reveladoras de inegável aptidão (...) Cumpre mesmo acentuar que no Trio *(...) existem nos dois primeiros andamentos mostras suficientes de que quem os compôs tem talento e talento susceptível de tomar uma orientação segura.*

Fixe-se, pois, bem o nome do compositor ontem estreado, porque não é arriscado vaticinar que, com os dotes com que o seu possui-

dro nasceu e a sua paixão pela música, há-de vir a ser o de um compositor de talento. (25)

A *constante preocupação do modernismo!* Hoje, volvidos cinquenta anos sobre a sua morte, António Fragoso é um "clássico"! Como custam a penetrar as ideias novas, mesmo nos espíritos mais desempoeirados e mais lúcidos! É por isso que o génio é sempre precursor, vem sempre adiante do seu tempo — e só as gerações seguintes conseguem abarcar, em plenitude, todas as cambiantes da sua mensagem antecipada.

Toda a imprensa registou o acontecimento, revelando que *o auditório aplaudiu calorosamente o novel compositor, que teve por certo nesta interessante sessão um óptimo incentivo para futuros trabalhos.* (26)

Até Alexandre Rey Colaço enviou para Madride o seu brado de aplauso:

... los diez y ocho años de este joven se presentan ricos de risueñas promesas y ambiciones.

Lanzarse a los peligros de una sonata, de un trio y de una suite (por petite *que ésta sea), sin previa base en que apoyarse, denota ya en su autor una intrepidez que inspira confianza. Yo creo que de estas generaciones nuevas y frescas debemos únicamente esperar la deseada y salvadora regeneración.* (27)

O único que teve a audácia de escrever sem reticências (justiça se lhe faça) foi Rui Coelho, que teceu largas considerações de entusiasmo e de franco elogio. Contudo, no final do seu artigo, sente-se na obrigação de dar conselhos, dizendo que *este rapaz* precisa de três coisas:

1.º — *Estudar, estudar, estudar sempre e sentir-se cada vez mais ávido de conhecimentos que digam respeito à sua arte;*

(Rui Coelho decerto desconhecia o curto passado deste jovem, ávido de saber; as suas perguntas ansiosas a Adriano Merêa; os primeiros cinco anos de Conservatório feitos em quatro meses!)

2.º — *Deixá-lo à solta, que ninguém se intrometa com ele;*

(Ele próprio se soltara, pela sua vontade, pelo seu desprendimento, pela sua renúncia a tudo que não fosse a sua Arte)

---

(25) Adriano Merêa, art. cir.

(26) *Diário de Notícias*, de Lisboa, 17 de Maio de 1916.

(27) Alexandre Rey Colaço, in *Revista Musical Hispano-Americana*, de Madride, 30 de Junho de 1916.

3.º — *Não dar ouvidos.* (28)

(Parece-me de uma certa incongruência aconselhar um músico a *não dar ouvidos!* Não dar ouvidos aos outros, certo: a ninguém; nem aos mestres *fósseis,* nem aos conselheiros improvisados, nem àqueles que não estivessem à altura de entender e abarcar a força renovadora do seu génio em expansão. Mas dar ouvidos, abertos e limpos, às suas tendências, às suas predilecções, aos mestres *autênticos* escolhidos livremente pelo seu querer)

Em Julho, fez as suas provas de Piano, brilhantes como sempre. Não tiveram o mesmo desfecho feliz as provas de Harmonia. Compreende-se que assim tivesse sido. No piano, António era um virtuoso, interpretando com agilidade, segurança e saber as mais difíceis criações dos grandes mestres. Os alçapões, onde os simples *habilidosos* tombavam, eram para a genialidade de António os passos onde os seus dedos privilegiados deslizavam numa execução magnífica, leve, cristalina. Em Harmonia, porém, ele era um revolucionário. Obedecia, como todos os impressionistas, às *leis da sensação,* num abandono consciente e lúcido de uma tradição ultrapassada. Como podiam os mestres, criados e vividos numa rotina sagrada, aceitar, ou sequer compreender, uma liberdade que aos seus ouvidos paleolíticos soava como uma blasfêmia? Não podiam, é claro. E manifestavam a sua incompreensão pela única forma ao seu alcance: tentando cortar as asas, de quem, afinal, voaria muito mais alto do que eles, por azuis que nunca viram, por céus que nunca sonharam, por nuvens que nunca imaginaram existir.

Sobre este pequeno percalço em Harmonia, há uma afirmação de Rui Coelho que me não parece verdadeira; e, infelizmente, não tenho, a sete mil quilómetros de distância, elementos para a rebater.

Ouçamo-lo a relatar o seu *último encontro com António Fragoso — ali, no meio do largo da Estação do Rossio (...)*

António Fragoso estava muito zangado, porque no Conservatório não o tinham deixado passar na "harmonia"...

Um ano a menos, lamentava ele, bastante incomodado.

Eu, no entusiasmo tão fácil da juventude, acompanhava-o, na indignação...

---

(28) Rui Coelho, art. cit.

Separámo-nos, nessa tarde, sob aquela impressão de um "ano perdido", num curso tão longo. Nunca mais o vi. [29]

É possível que, no esforço de reconstituição de uma conversa, travada, apressadamente, numa praça pública, vinte anos antes, a memória o tenha involuntàriamente atraiçoado. Tanto mais, que outro testemunho, muito mais próximo do acontecimento, e também digno de todo o nosso respeito, nos dá uma versão talvez mais condizente com a realidade:

Dotado de raro engenho e de agudo espírito de observação, antes de se matricular na classe de harmonia do Conservatório, familiarizou-se com os modernos processos de composição, mesmo os mais avançados, de forma que, quando aluno da dita classe, nunca se resignou a cingir-se às regras do ramerrão escolar. O seu talento levava-o a transcendentes ousadias, que lhe valeram alguma má vontade dos professores, na sua maioria arcaicos, eivados do classicismo — melhor — do italianismo do século XIX.

Contudo, não alcançou mais que 12 valores, no 3.º ano de harmonia, nota insuficiente para se poder matricular em contraponto.

Mas, esse moço a quem fora negada classificação para prosseguir o curso, havia de apresentar pouco tempo depois um Trio [30] *para piano, violino e violoncelo em moldes bastante modernos, peça que lhe valeria a admiração dos seus colegas e a consideração dos professores, quiçá já escrita* [31] *à data em que o júri lhe outorgava a sua incapacidade para estudar contraponto, quanto mais composição!...* [32]

Ora isto tem mais lógica, maior coerência. Não foi uma reprovação, embora Rui Coelho tenha uma atenuante para esta afirmação tardia, porque foi uma nota que, na prática, correspondeu a tal. E esse *Trio,* por ironia do acaso, fora dedicado a Tomás Borba, seu professor de Harmonia, que dois anos depois, já refeito do estonteamento que a novidade provocara, chamaria a António Fragoso, com sincera e sentida convicção, *a mais bem fundada e lídima esperança da nossa escola de arte.* [33]

António, mais uma vez, partiu para as suas merecidas férias na Pocariça. Já nesse tempo residiam na grande casa da Praça, de um estilo barroco sóbrio e digno; e já ali se reuniam, todos os anos,

---

(29) Rui Coelho, in *Diário da Manhã*, de Lisboa, 9 de Fevereiro de 1936.

(30) Apresentou-o antes...

(31) *O Trio* foi composto em Dezembro de 1915.

(32) Mário de Sampaio Ribeiro, in *A Música*, de Lisboa, 15 de Novembro de 1918.

(33) Tomás Borba, in *Eco Musical*, de Lisboa, 17 de Novembro de 1918.

nas férias grandes, além dos quatro irmãos (Maria Fernanda ainda não contava...) e das pessoas de família, os condiscípulos e amigos mais íntimos de António, entre os quais se destacavam Lourenço Varela Cid, Fernando Botelho Leitão e António Fernando Cabral. Noites inolvidáveis de Arte, de bom humor, de mocidade, em que António se revezava ao piano com Varela Cid e Botelho Leitão, Maria do Céu disputava com Fernando Cabral a primazia do violino (e onde, não raro, Cabral, com a envergadura do notável artista que já era, mas com o requinte do perfeito cavalheiro que sempre foi, se apagava, para que a beleza e a graça brilhassem...) e em que Maria Isabel, de dedos mais crescidos e mais ágeis, dedilhava com segurança o violoncelo! Noites que ninguém esqueceria! Noites que seriam outros tantos fantasmas, a ganir, numa caricatura de tragédia, quando a tragédia chegasse!

A 10 de Setembro, já com os amigos ausentes, realizou-se no Casino da Curia uma grande festa de Caridade. *O laureado aluno do Conservatório, Sr. António Fragoso, tocou ao piano:* Arabèsque, *de Debussy; a* Rapsódia, *de Brahms, e, com Pavia de Magalhães e Manuel da Silva, a segunda parte do seu* Trio. *Foi delirantemente ovacionado, porque é um verdadeiro talento musical, tendo diante de si uma brilhante carreira.* [34]

Em Outubro de 1916, António voltou para Lisboa, a fim de cursar o penúltimo ano de piano.

Já integrado no impressionismo, deixara para trás as tentações românticas da meninice. Deixara-as em consciência e em orientação criadora; mas conservara-as por temperamento. A sua música continuava triste, prevalecendo nela os tons menores. Essa luta íntima, que podemos definir como que entre o instinto e a inteligência, a inclinação natural e a vontade, reflectia-se no seu comportamento instável, raramente comunicativo.

Era então a *coqueluche* de Lisboa uma rapariga oriunda da América Central, alta, loura, deslumbrante, e que tão sombriamente viria a acabar os seus dias cheios de sol. Na sua casa, frequentada por alguns artistas rìgidamente seleccionados, existia um maravilhoso Bechstein de cauda, de sons puríssimos, de teclas macias e obedientes como escravas, que estremeciam quase, quando nelas pousavam dedos hábeis, quanto mais quando sentiam, sobre o seu marfim, o *toucher* suavíssimo de dedos de génio. António adorava-o, e ali passava longas horas, alheado de tudo o que o rodeava.

---

(34) *O Século*, de Lisboa, 26 de Setembro de 1916.

Quando se sentava ao piano, a sala, as pessoas, as conversas, os risos — tudo desaparecia; não via nem ouvia ninguém, debruçado sobre a sua própria alma. Raramente tocava músicas dos outros, ou mesmo suas, já definitivamente construídas. De uma maneira geral, improvisava. E havia nesssa improvisações um timbre tão grande de tristeza, de melancolia, que levava quem o ouvia, insensivelmente, a pensar em Chopin — um Chopin que fosse impressionista, se é que consigo fazer-me entender.

E quando lhe pediam: — Porque é que não escreve essas peças admiráveis? —, António, como que arrancado do seu sonho de harmonia pela dissonância áspera de uma blasfêmia, respondia sempre, quase zangado: — Vocês estão doidos! Isto não é nada, isto não vale nada...

Fora sempre assim, brilhante na improvisação. Antes e depois, *quantas vezes, sentado ao piano, o seu pensamento tinha uma realização interior tão rápida e tão bela que logo se transmitia às teclas em frases inspiradas. Era a improvisação com que os iluminados criam formas novas de Beleza e de Harmonia.* (35)

A sua figura franzina, de uma elegância natural e sóbria, chamava a atenção, sobretudo *os traços varonis, bastante pronunciados, da sua fisionomia insinuante; o seu ar desprendido e simples, mas ao mesmo tempo composto; o olhar claro e franco, olhar de quem numa rápida passagem por este mundo, nem tempo teve para dele conhecer artifícios e subtilezas.* (36)

Parecia sempre viver num mundo à parte, interior, só dele, onde raríssimos eleitos penetravam — e mesmo assim parcialmente, pela porta entreaberta da sua alma.

Creio que foi nas férias da Páscoa de 1917, que António Fragoso e Fernando Cabral realizaram um concerto no Porto. Entre as peças apresentadas, sobressaía a sua *Suite Romântica* (Prelúdio-Intermezzo-Berceuse-Nocturno), para piano e violino, em primeira audição pública. O êxito foi enorme. Os nomes dos dois condiscípulos, dos dois amigos, dos dois companheiros inseparáveis, começavam a projectar-se no país inteiro. O nome do compositor António Fragoso, esse, crescia a todo o instante, como uma esperança-certeza de futura glória nacional.

Animados por essa vitória, logo a 2 de Junho, um sábado, repetiam, em Lisboa, na Academia de Amadores de Música, o concerto *organizado pelo Sr. António Fragoso, pianista de valor e moço*

(35) Dr. Jorge da Cruz Jorge, in *Correio de Cantanhede*, 19 de Janeiro de 1919.

(36) Adriano Merêa, 15 de Abril de 1923, in *Composições para Piano*, de António Fragoso.

compositor de quem é lícito esperar muito, porque tem talento e lhe não falta vontade de perseverar no estudo. (37) Sempre com Fernando Cabral, repetiu a *Suite Romântica,* na sua primeira audição em Lisboa. Se o concerto se repetiu, o êxito também.

Ainda de sua produção, apresentou o Sr. António Fragoso várias composições para canto, no género Lied, *trabalhadas sobre versos de poetas nossos, e recebidas com manifesto agrado, bem como três trechos para piano, no estilo antigo, que o autor dedicou a Vasco Garin.* (38)

Não sei hoje quais tivessem sido os *lieder* cantados nessa audição. Decerto, algumas *Toadas da minha Aldeia* e, sobretudo, algumas *Canções do Sol Poente,* sobre versos de António Correia de Oliveira. Os *trechos para piano no estilo antigo* eram as *Três Peças do Século XVIII,* dedicadas realmente a Vasco Garin e compostas em Abril desse ano.

Dez dias depois, a 12 de Junho, realizava-se uma audição na Aula da História da Música do Conservatório. Os autores interpretados — Chopin, Chevillard, César Franck, Liszt, Saint-Saëns, Grieg, Paderewski, Mussorgski, Debussy e Fauré — foram, por indicação de Tomás Borba, apresentados numa Conferência escrita e lida pelo aluno António Fragoso.

A conferência, longa e nem sempre de interesse intemporal, visto tratar-se de uma peça de circunstância, escrita para ser ouvida por alunos de diversos graus de cultura, alcançou plenamente o seu objectivo. Havia, já nessa altura, um grande equilíbrio na frase de António Fragoso, equilíbrio que atingirá, no ano seguinte, um grande à-vontade. A sua paixão pela música, manifestada exuberantemente desde a primeira infância, de tal forma que a todos parecia *única,* tinha como corolário aparente que, para António, seria a música a única forma de transmitir sensações, a única *linguagem* ao seu alcance. Engano. António foi um cultor do idioma, atingindo no fim da vida, como veremos no momento próprio, uma elegância formal surpreendente.

Por agora, admiremos, nele, apenas, um já grande poder de síntese e a segurança de quem muito leu e assimilou. Repare-se igualmente que, a par de impressões gerais, que eram impressões generalizadas, António não deixa de nos apresentar também a sua opinião pessoal, que pode, ou não, coincidir com a opinião dos outros. O que vou transcrever são pequenos excerptos, respigados aqui e ali e que ilustram as afirmações que acabo de fazer.

---

(37) *O Dia,* de Lisboa, 5 de Junho de 1917.

(38) *O Dia,* de Lisboa, art. cit.

FREDERICO CHOPIN — *Dir-lhes-ei primeiro quais os factores mais importantes que actuaram na inspiração deste grande mestre polaco (...) e que ele traduziu em pensamentos musicais dos mais belos e mais sentidos de todos os tempos.*

Destes factores, talvez o principal seja a chamada nostalgia da Pátria, essa grande saudade do nosso País que, longe dele, nos faz lembrar com lágrimas nos olhos os lugares queridos que nos viram nascer, as toadas deliciosas a que os nossos ouvidos de infância se habituaram e que nunca mais se esquecem, essa infinidade de pequenos nadas que mais tarde são outras tantas recordações, outras tantas saudades.

Chopin, quando, em 1830, aos vinte anos, deixou pela última vez o país natal, levou consigo essa nostalgia da Pátria e um grande número de canções polacas que mais tarde lhe serviram de tema às suas POLONAISES, aos seus CHANTS POLONAIS que Liszt transcreveu admiràvelmente, e sobretudo às suas MAZURKAS.

. . . .

Escrevia valsas elegantes, nocturnos sentimentais e melancólicos (...) e assim nasceram algumas das páginas mais belas deste grande músico que em tudo sabia pôr o cunho da sua individualidade, "essa força, essa originalidade, essa cor pessoal", *de que fala Schumann. Schumann, grande admirador de Chopin, diz ainda, referindo-se ao IMPROMPTU que hoje vamos ouvir, que ele* "não pode comparar-se a qualquer outra obra do mesmo autor. É tão refinado como forma, tão delicioso como escrita pianística, tão diferente de tudo!" *É certo que a frase média é cheia de vigor e de expressão; mas, para mim, onde Chopin se eleva mais alto é nas BALADAS, nos ESTUDOS, e principalmente nos PRELÚDIOS* (...)

A verdade é que essa época do romantismo caiu pelo ridículo e Chopin continua a ser o autor predilecto (...) *É que há uma coisa absolutamente imortal e indestrutível: é o Génio.*

Chopin era um génio (...) *porque conseguiu elevar a um alto grau de perfeição e de beleza todos os géneros de música que compôs.*

Realmente, António Fragoso pouco poderia dizer de original sobre Chopin, fora dos traços gerais da sua vida e das suas tendências que todos conhecem. Discutem-se muitos autores; outros há, porém, para os quais as opiniões são sempre convergentes, num acordo tácito, estratificado mesmo. Chopin está neste caso. Bastava falar nele — e tudo estaria dito.

CAMILLE CHEVILLARD — *É incontestável que Chevillard é um homem de talento. A música em França deve-lhe mesmo*

muito, mas como chefe da orquestra Lamoureux, de quem era genro, orquestra que ele elevou ao seu auge, segundo Romain Rolland(...) Como compositor, Chevillard poderá ser, quando muito, interessante; e esta peça que hoje vamos ouvir talvez o seja, sobretudo nalgumas passagens, sob o ponto de vista puramente pianístico; como música pròpriamente dita é pouco original e pouco bela.

Quem é que hoje discorda desta opinião? Contudo, em 1917, Chevillard, em pleno vigor dos seus cinquenta e tal anos, professor do Conservatório e director dos estudos musicais da Ópera de Paris, era olhado ainda com respeito. Afinal, a sua abundante obra de compositor caiu num esquecimento a que estava naturalmente destinada.

CÉSAR FRANCK – *Este género* Variações *foi muito tratado por Haydn, Mozart e principalmente Beethoven, cujas trinta e duas variações em dó menor são justamente célebres. Parece-me, em todo o caso, que houve dois compositores que lhe deram maior beleza e interesse: Schumann, o mais romântico dos românticos(...) e César Frank nas VARIAÇÕES SINFÓNICAS para piano e orquestra, pela primeira vez executadas(...) entre nós pelo pianista Varela Cid, num dos últimos concertos Blanch da época que findou.*

Poderá parecer talvez que me refiro a isto por mero capricho, ou para elogiar Varela Cid, tanto mais que foi esta uma das peças em que todos nós mais gostámos de o ouvir. Não, é porque esse facto, que poderá ter passado despercebido à maior parte do público, representa um facto importante na história da música entre nós: é a primeira vez que se executa em Lisboa uma obra notabilíssima sob todos os pontos de vista: da inspiração que é sempre a mesma em César Franck, da fusão admirável do piano com a orquestra, da construção que não perde nunca a forma cíclica que Franck adoptou como base principal de toda a sua obra.

Esta forma cíclica, a que me refiro, já Beethoven a empregou numa ou noutra sonata, já Schumann e Berlioz a adoptaram como base das suas sinfonias, mas só Franck a conseguiu elevar ao máximo da perfeição, passando até, para muitos, como o seu criador. Ela baseia-se, por assim dizer, na repetição dum ou vários temas devidamente desenvolvidos, em todos os andamentos que formam a obra, uma sonata por exemplo, dando-lhe uma grande unidade de forma. Franck só escreveu uma Sonata para piano e violino rigorosamente cíclica; mas escreveu também um género de composição formado por um prelúdio, um andamento lento e um final que, sem ter o carácter acentuadamente de sonata, é contudo, quanto à forma e quanto à construção, muito semelhante. A este género per-

tencem o Prelúdio, Coral e Fuga, *o* Prelúdio, Ária e Final *para piano e o* Prelúdio, Fuga e Variação *para órgão, transcrito pelo autor para piano e harmónio* (...) *Lembro-me ainda, qual a impressão que nos causou, a mim e ao meu amigo Varela Cid, este* Prelúdio, Fuga e Variação *quando pela primeira vez o tocámos no Salão Neuparth. Essa impressão é grande de mais para que se possa descrever. Há uma tal doçura melancólica na frase do Prelúdio, um tal encanto na Fuga bem diferente das fugas escolares, um tal poder de expressão em toda a obra que nos chegou a comover e que nos fez colocar César Franck entre o número dos mestres por nós mais queridos e apreciados.*

Não deixa, até certo ponto, de nos surpreender esta admiração enternecida de António, numa época em que se acreditava desejar romper todos os laços artísticos com o passado a que César Franck pertencia, pelo cândido *Pater Seraphicus,* cujas tendências românticas pareciam em desacordo com a orientação do jovem compositor. Não esqueçamos, porém, que António Fragoso, na sua personalidade artistica inconfundível, nunca se deixou cegar por escolas, que serviam apenas para orientar a *actualização* da sua capacidade criadora. Vistas as coisas por este prima, compreendem-se perfeitamente as frases comovidas com que enaltece o que há realmente de admirável na obra do ingénuo organista de Santa Clotilde.

FRANZ LISZT – *Liszt, o Paganini do piano, foi sem dúvida um grande compositor. Não é, porém, nas Rapsódias Húngaras — onde ele é mais apreciado —, que se me afigura ser mais genial. As Rapsódias, quanto a mim, mostram, a par da sua habilidade admirável em tratar os temas populares, um virtuosismo deveras espalhafatoso, que está fora dos limites da música séria. Liszt servia-se da sua técnica prodigiosa para arrebatar as plateias que se sentiam embriagadas pelo seu poder pianístico realmente assombroso. Daí vêm naturalmente esses passos dificílimos, essas cadências vertiginosas, de que o público gostava, mas que, na sua maior parte, não possuem a beleza e a elegância das "fioritures" de Chopin. Estes JEUX D'EAU, que não têm para mim o interesse musical dos JEUX D'EAU de Ravel, pertencem também ao número das suas composições essencialmente pianísticas. Liszt é sobretudo genial nas LEGENDAS, na SONATA em si menor e nos ANNÉES DE PÉLÉRINAGE para piano, onde há páginas da mais elevada concepção e beleza, e principalmente nos POEMAS SINFÓNICOS.*

Liszt, como ponto de intercepção entre o passado e o futuro, tinha forçosamente de ser figura do maior interesse para António Fragoso, cuja inteligência avançava resolutamente para o futuro, mas que conservava no coração uma grande ternura e um grande respeito

pelos génios do passado. O seu intelectualismo levava-o, insensìvelmente, a preferir, entre as composições de Liszt, aquelas que demarcavam com precisão a sua fase mais intelectualizada, como as *Legendas* e os *Poemas Sinfónicos,* sem esquecer as que haviam nascido, como resultante do seu intenso e apaixonante vagabundear, como os *Années de Pélérinage.* No íntimo, lá bem no fundo do seu consciente, António Fragoso, reconhecendo ainda as suas limitações, mas acreditando que havia de as vencer, como ponto culminante de um programa laboriosamente traçado, sonhava com o mundo, com a peregrinação pelo mundo, aspirando já ao nomadismo de Liszt, num sonho que o destino havia de limitar a sonho.

CAMILLE SAINT-SAENS — *São principalmente estes Poemas Sinfónicos* (de Liszt) *que exercem poderosa influência em Saint-Saëns (...) A grande afeição pessoal e artística de Saint-Saëns por Liszt fez com que ele dedicasse à sua memória a TERCEIRA SINFONIA, que nós ouvimos pela primeira vez há dois anos em S. Carlos pela Orquestra Blanch, obra de uma grande beleza e de uma forma puramente clássica. De resto, Saint-Saëns é, dentro da música moderna, um clássico. Se as suas formas harmónicas nos parecem por vezes arrojadas, a construção das suas obras está dentro do vasto campo do classicismo. Esta Tocata que vamos ouvir, tirada do final do 5.º Concerto para piano e orquestra, é um exemplo frisante do que acabo de expor.*

Apesar do seu espírito renovador, que tanto influiu no aprimoramento da arte orquestral na França, não só pelo arrojo das suas criações, mas sobretudo através da Societé Nationale de Musique por ele criada, Saint-Saëns era, realmente, no fundo do seu temperamento, um clássico, mais ainda um conservador, o que viria a manifestar-se na última fase da sua vida. Talvez que o conhecimento dessa fase lamentável não tivesse ainda, à época, chegado a Portugal. António Fragoso, tendo estudado a obra e o homem, antevê, com precisão, o caminho que este viria a seguir.

EDVARD GRIEG — *Grieg pertence ao número dos compositores "objectivos", isto é, aqueles que se servem de elementos estranhos aos seus meios de expressão, como por exemplo a canção popular. Há também os compositores "subjectivos", que são mais pessoais do que aqueles, precisamente porque os seus elementos de composição estão absolutamente dentro deles (...) À primeira destas classes pertencem ainda os "nacionais", de que Grieg é incontestàvelmente o mais interessante.*

As obras de Grieg são essencialmente norueguesas, porque recebem das canções populares da Escandinávia o elemento mais importante da sua estrutura.

Com efeito, ultrapassada a primeira fase de integração no romantismo germânico, Grieg penetra definitivamente, após a influência recebida de Nordraak (outro malogrado, que a morte levou aos 23 anos) e do seu encontro com Ibsen, na música de carácter nacional, reforçada pelas pesquisas folclóricas da última década da sua vida.

IGNACY PADEREWSKI — *De Paderewski, não se poderá dizer também que ele é um compositor genial; é sobretudo um grande pianista, mas é todavia mais interessante e original que Chevillard. O seu célebre Minuete em sol maior é sem dúvida uma página muito elegante e graciosa, que nos faz pensar um pouco em Mozart e em Versailles. Das obras de Paderewski para piano que eu conheço, interessa-me principalmente um TEMA E VARIAÇÕES, op. 16 n.º 3, cujas variações 3, 4, 5 e 6 são realmente muito bonitas. A 6.ª é mesmo um pouco comovente, porque uma nota persistente, como uma pedal de dominante, lhe dá uma melacolia comparável às badaladas dum sino triste ao cair do dia.*

Paderewski foi também um *nacional,* mas talvez mais por motivos políticos do que por índole artística. No fundo, era um romântico. Orador brilhante, diplomata de largos recursos, patriota apaixonado, foi sem dúvida sob o seu impulso que a Polónia alcançou a independência. Virtuoso do piano aclamado em todo o mundo, a sua obra musical ressente-se, naturalmente, da inconstância da sua aplicação. Não foi, por isso, como António Fragoso muito bem observa, um compositor genial.

MODEST PETROVITCH MUSSORGSKI — *Mussorgski é, por assim dizer, a personificação da liberdade; como homem, não conhecia as normas do bem viver: era um boémio; como músico, não conhecia as regras, os processos de composição, as teorias necessárias a todo o verdadeiro artista. Ignorante por querer, zombava de todos os que se tinham dado ao trabalho de aprender o que necessitavam para a formação completa do seu espírito. Ele queria ser ele, absolutamente ele. Para exprimir as suas ideias, pensava, não necessitava que o ensinassem a raciocinar. Mas precisava pelo menos que o ensinassem a falar e, em matéria musical, nem isso sabia. Daí a deficiência de processos com que exprimia as suas belas ideias musicais, originalíssimas, dum sabor inteiramente novo, por vezes até disparatado, é certo, mas sempre cheias de interesse, principalmente sob o ponto de vista melódico, porque, apesar de tudo, Mussorgski possuía um assombroso temperamento musical. Só assim se pode explicar um facto importantíssimo na história da música: Mussorgski não sabia harmonia e todavia os seus processos harmónicos, atravessando as fronteiras, chegam a Paris onde fazem uma extraordinária revolução. Pode dizer-se que se Mussorgski não tives-*

se escrito a sua ópera BORIS GODUNOV, PELLÉAS ET MÉLI-SANDE não existiria por certo.

Mussorgski foi um epiléptico. E a sua música genial, revolucionária, profunda, apocalíptica, fazendo-nos pensar nos profetas do Antigo Testamento, é também, sem dúvida, uma música epiléptica. Instável, misantropo, desregrado, começando sempre tudo e raramente acabando alguma coisa, Mussorgski foi, por temperamento e falha de cultura, um precursor inconsciente do impressionismo. O que nos impressionistas era uma liberdade raciocinada, em Mussorgski foi desordenada ignorância, servida por uma genialidade que a tudo resistia — e que por isso mesmo se impôs.

CLAUDE DEBUSSY — *Debussy escrevia música para um drama de Henri Heine, ALMANZOR, quando um feliz acaso, que é um agente muito poderoso em muitas circunstâncias da vida, lhe fez conhecer a partitura de Boris Godunov, ainda desconhecida em Paris. Debussy ficou entusiasmado com a música tão viva, tão encantadora, tão original do grande compositor russo. ALMANZOR ficou por terminar (...) PELLÉAS nasceu, cheia de beleza (...) Em 30 de Abril de 1902, a Ópera Comique de Paris representou pela primeira vez a ópera de Debussy. Nos ensaios, os cantores diziam que não tinham que cantar; a orquestra dizia que nada tinha a tocar e esperava que os cantores dissessem alguma coisa; a curiosidade estupefacta dos músicos e dos críticos aumentava com os boatos de que aquilo era música que se não compreendia; os ouvidos arrepiavam-se com as dissonâncias arrojadas; Maeterlinck não queria deixar representar o seu drama com semelhante música* (...) "Mas — *diz Chenneviere* — todos os jovens que pouco a pouco se deixaram tomar pelo encanto raro do músico, seu irmão em sonhos, acorreram. Foi o entusiasmo, o triunfo".

Debussy é apontado insistentemente como um "modelo" de António Fragoso. Mas, a que fase de Debussy se referem? À sua fase de influência wagneriana?, ao período simbolista?, à paixão pelas originalidades rítmicas extremo-orientais?, ao curto tempo cognominado impressionista?, ao seu anti-impressionismo que data de 1908?, ao apego pelos mestres franceses do Renascimento de que se considerava herdeiro o *musicien français?* No fundo, tudo se resume, em António Fragoso, a um consciente e imperativo *espírito de renovação,* que decerto iria muito longe, se Deus lhe desse tempo — e não deu!

GABRIEL FAURÉ — *Gabriel Fauré, o actual director do Conservatório de Paris, sendo, quanto a mim, um moderno romântico, como bem mostra esta BERCEUSE para piano e violino, tem todavia contribuído bastante para o desenvolvimento da música francesa: Vincent d'Indy, Paul Dukas, Florent Schmitt, Déodat de Sé-*

verac, Albert Roussel, Henri Duparc, Ernest Chausson e, sobre todos, Maurice Ravel fazem parte da extraordinária plêiade de músicos modernos de que a França se orgulha bem justamente e que todos nós devemos admirar e estimar, porque eles representam a Ideia Nova, o Século XX, a última palavra da arte que todos nós amamos.

Os componentes dessa *extraordinária plêiade de músicos modernos de que a França se orgulha* nasceram todos muito antes de António Fragoso (o mais novo deles, Ravel, vinte e dois anos antes) e todos eles, com excepção de Chausson, morreram muito depois. E, feita a excepção reticente de Maurice Ravel, a todos António Fragoso teria ultrapassado em génio criador, se Deus tivesse querido — e não quis!

Em Julho desse ano de 1917, fez exames do penúltimo ano de piano.

Era enorme, então, a sua ânsia de compor. Além das peças com data certa — *Três Peças do Século XVIII, Les Coquillages, Soleils Couchants, Chanson d'Automne* e *Sérénade,* sobre versos de Paul Verlaine, e *Nocturno em ré b maior,* devem ser também deste ano o *Nocturno em si b menor,* o *Prelúdio* do 2.º Calerno, *Pensées Extatiques* e *Canções do Sol Poente* sobre versos de António Correia de Oliveira.

A música era *para ele como que uma religião. Corpo, alma, tudo daria por ela, amando-a como a amou até ao fanatismo. Nos últimos anos da sua vida, essa paixão, cada vez mais absorvente, manifestava-se principalmente numa ânsia insofreável de produzir e conhecer tudo que no estrangeiro se publicava na linguagem dos sons. Confiar às linhas do pentagrama quantas ideias lhe acudiam ao cérebro aquecidas por um temperamento intensamente artístico, era para ele uma necessidade de espírito tão imperativa como ler, tocar, ouvir, sentir tudo com que procurasse saciar a sua infinita curiosidade de músico.*

Dir-se-ia que nesse mancebo fìsicamente bem constituído, querendo à vida com o entusiasmo da mocidade e a fé dum crente, modesto mas sem que, por isso, deixasse de se sentir eleito da arte, qualquer coisa o trazia de sobreaviso com respeito à duração da existência (39).

Contava sua tia e madrinha, D. Maria José Fragoso, que a inspiração lhe surgia de repente; e, estivesse onde estivesse, em casa, na rua, só ou acompanhado, tudo largava para correr ao piano,

---

(39) Adriano Merêa, art. cit.

recapitular, recompor e gravar no papel — ou simplesmente na prodigiosa memória — o que esse instante de inspiração criadora lhe trouxesse.

De novo, os amigos de sempre se reuniam na Pocariça; alguns, como Varela Cid e Botelho Leitão, pela última vez.

No dia 16 de Agosto, sempre com Fernando Cabral, realizou mais um concerto, no salão do Balneário da Curia.

Cabral e Fragoso revelaram-se já, apesar de novos, dois artistas distintos, executando magistralmente o anunciado programa. A. de Lima Fragoso mostrou-nos ser já um verdadeiro pianista, executando com maestria as Variações em fá menor *de Haydn. Foi sobretudo admirável no* Prelúdio *de Rachmaninov. Como compositor, revelou-se-nos também um artista de futuro; a sua* Berceuse (40) *é digna de ser ouvida ao lado das composições tocadas nessa noite* (41).

Em Outubro, voltou a Lisboa, para o último ano de piano — e de vida. A 5 de Dezembro, surpreendeu-o a revolução chefiada por Sidónio Pais, que, felizmente, para a sua ansiosa expectativa, pouco durou. Pôde, assim, voltar ao Conservatório e retomar o seu ritmo intenso de trabalho e de estudo.

Principiava o ano de 1918. Não veria outro, além daquele; mas ele não o sabia. Seria o ano dos grandes triunfos, entremeados de pequenas amarguras — até ao dia que se haveria de converter em perpétua noite.

Em fins de Março, chegava-lhe a notícia da morte de Debussy, ocorrida em Paris, a 25. Quantos sonhos, quantas audácias, quantos sacrilégios que fizeram estremecer os contrafortes de um Olimpo envelhecido e gasto, erguendo a alturas nunca sonhadas novos e luminosos deuses — tudo tombava, ao capricho de um fatalismo que teimava em ser rotineiro! E no borborinho da grande cidade, acotovelando uma multidão que lhe era indiferente e a quem era indiferente, António pensou na grande luz que se apagara — e sentiu-se mais só.

Terminava, então, a sua obra de maior fôlego: o *Nocturno* para orquestra. Em meados de Junho, recebeu do destino o melhor presente de aniversário. Um encontro casual e oportuno com David de Sousa pusera-os em contacto demorado. António mostrou-lhe a obra já terminada; dedilhou no piano algumas frases mais expres-

(40) Da *Petite Suite* do 1.º Caderno.

(41) *O Povo de Anadia*, 30 de Agosto de 1917.



Casa da Praça do Comércio, onde viveu e morreu António Fragoso. É hoje pertença de sua irmã D. Maria Fernanda de Lima Fragoso Martins Soares.



Placa de bronze, colocada por iniciativa da Caixa Beneficente dos Filhos do Concelho de Cantanhede, do Rio de Janeiro, na casa onde faleceu António Fragoso.

III.

Ao Fernando Botelho Leitão.

Dança.

Um pouco vivo.

p

1

pp

simile

Primeira página da *Dança* da *Petite Suite*.

sivas; apontou-lhe os "achados" de orquestração que imaginara. O maestro entusiasmou-se; pediu uma cópia, prometendo incluí-la num dos seus próximos concertos. E despediram-se com um abraço de "até breve". Nunca mais se encontrariam.

Chegou, finalmente, o ambicionado e temido dia 3 de Julho, no qual António iria prestar as provas finais do seu Curso Superior de Piano.

Estava sereno — e sabia que precisava de manter, custasse o que custasse, aquela serenidade. Antes de sair de casa, passou os dedos pelo teclado, de leve, com a máxima naturalidade que lhe foi possível conseguir, relaxando os músculos, respirando fundo para abrandar as batidas do coração. E os dedos mantiveram toda a perfeição dos reflexos ambicionados. Acariciou o piano, num agradecimento mudo — e saiu, tranquilo, para a grande prova.

No Conservatório, o movimento era desusado, A notícia espalhara-se — e todos queriam assistir de perto ao julgamento da "grande promessa". O júri, já no seu lugar, tinha o aspecto bisonho e carrancudo, como se estivesse ali, não para julgar, mas para condenar.

António, um pouco alheado, de cabeça baixa, talvez numa oração inarticulada, esperou que chamassem pelo seu nome. Então, com naturalidade, como se se tratasse de mais um concerto e não do acto culminante do seu destino de artista, sentou-se ao piano e executou, magistralmente, o *Prelúdio e Fuga* de Bach, a sonata *Appassionata* de Beethoven e a *Mazeppa*, dos *Estudos de execução transcendente* de Liszt.

Nunca examinando algum tinha tido a coragem de se defrontar com um auditório de mestres, incluindo no seu programa peças, como a Mazeppa de Liszt, cuja transcendência de técnica e de interpretação é tal que só artistas consagrados se abalançam a executá-la nos seus concertos. António Fragoso, com a correcção e a segurança que só tem quem executa com consciência, com a ousadia que lhe dava a certeza do valor próprio, fez ouvir aquela página brilhante, imprimindo-lhe tanta vida, tal poder de grandiosidade que os mestres maravilhados sentiam-se talvez pigmeus perante o gigante que surgia para a Arte (42).

A sala transfigurara-se. A assistência, de olhos semicerrados, fascinada, hipnotizada perante o génio que *surgia para a Arte,* arrastada pela cadência vertiginosa daqueles dedos de milagre, via, cla-

---

(42) Dr. Jorge da Cruz Jorge, art. cit.

ramente via, tremularem à sua volta as chamas de mil velas ardendo em serpentinas de prata: o auditório convertera-se nos salões de música de George Sand; brilhavam joias; destacavam-se, ao fundo, as casacas bem talhadas dos elegantes do romantismo; e, sentado ao piano, todos viam, claramente viam, o próprio Liszt, que se servia *da sua técnica prodigiosa para arrebatar as plateias que se sentiam embriagadas pelo seu poder pianístico realmente assombroso* (43).

Foi um deslumbramento; foi uma apoteose. Os mestres, esquecido o protocolo, abraçavam o artista que a todos sorria. A decisão do júri foi rápida — e coerente: António Fragoso concluía o seu Curso Superior de Piano, com a classificação máxima de vinte valores (44).

Dois dias depois, toda a imprensa de Lisboa exaltava o nome de António Fragoso, em longos e encomiásticos artigos.

A prova brilhantíssima prestada pelo novo artista, ante-ontem, enche de júbilo a um tempo todos os que para a sua carreira contribuíram (...) e todos os que se interessam no nosso país pelo desenvolvimento da arte musical. Lima Fragoso mostra-se dela um cultor exímio, honrou distintamente o mestre ilustre que aperfeiçoou todas as altas qualidades reveladas, e promete ser de futuro uma verdadeira celebridade.

Rareando em Portugal os compositores, muito louvável será que o Governo subsidie a educação no estrangeiro dos novos que fossem manifestando provas de merecimento (45).

Os jornais do Porto também noticiaram, desenvolvidamente, esta brilhante prova final. *O Comércio do Porto* e *O Primeiro de Janeiro* realçaram sobretudo a classificação de 20 valores. Mais extenso, o artigo de *O Primeiro de Janeiro* abre a notícia, dizendo que *A arte musical tem-se desenvolvido notàvelmente no país, e é sempre justo celebrar as aptidões que se manifestam.* E mais adiante: *O novo artista, que conta apenas 21 anos, e muito apropriadamente se pode adjectivar de talentoso, obteve a alta classificação de 20 valores no*

---

(43) António Fragoso, conferência citada.

(44) Com os meus sete anos, encafuado no fundo da Província, não assisti, naturalmente, a esta consagração. Mas pensei nela, pensei muito nela, com uma lágrima teimosa e impertinente a querer rolar num instante inoportuno e constrangedor, ao ouvir esta mesma *Mazeppa*, muitos anos depois, em 1959, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, executada também magistralmente por outro enorme pianista português de 23 anos — Sérgio Varela Cid, filho de Lourenço Varela Cid, um dos amigos mais íntimos de António Fragoso.

(45) *O Dia*, de Lisboa, 5 de Julho de 1918.

curso superior de Piano. Há a acrescentar que é já um compositor muito distinto, como o tem manifestado em várias produções (46).

Também os jornais do seu concelho relataram a magnífica vitória.

Auguramos ao notável artista dias gloriosos num futuro próximo e oxalá as suas faculdades possam aperfeiçoar-se ainda mais lá fora, onde os eleitos recebem o último baptismo da Arte (47).

Além da técnica já admirável, António de Lima Fragoso sente a música, executando os trechos com aquela virtuosidade, aquele sentimento que só uma alma superior de artista lhe sabe imprimir.

Como compositor, as suas obras revelam uma aptidão rara, tendo algumas delas sido impressas e executadas em muitos concertos(...)

É de esperar, pois, que o jovem artista tenha um futuro brilhantíssimo; e fazemos votos para que, insatisfeito sempre com os sucessos obtidos, trabalhe, estude, sem cessar. Se assim fizer, vaticinamos que virá a ser uma autêntica glória da música nacional (48).

Tantos louros para o coroarem! Tantas flores para lhe atapetarem o caminho sonoro! E talvez muitas dessas flores não tivessem ainda de todo murchado, quando por sobre elas, mal decorridos três meses, passou o silencioso cortejo de morte que o levava para a cova!

Na segunda quinzena de Julho, António já se encontrava na Pocariça, entre os seus. Vivia em beatitude. Ali, na paz da aldeia querida, entre aqueles que mais amava, António deixava de ser o "génio", para voltar a ser o menino que um dia partira, de olhos postos numa estrela mais luminosa que todas as estrelas, que dera novas cintilações ao seu coração, que transformara em dia todas as noites da sua angústia e da sua incerteza, e que havia de guiar os seus passos e os seus pensamentos, pelos ásperos mas apaixonantes caminhos da vida. De novo contemplava velhas e conhecidas paisagens, atapetadas da infinita serenidade que ele mesmo, pela força do seu querer, comunicava à Natureza, amaciadas por aquela doce melancolia de que a sua alma era pródiga. E à sua volta, os sons indefinidos da terra viva, com todos os seres humildes que nela habitavam, homens e bichos, aves e germinações de sementes, águas e ventos, folhas vadias ou troncos de imobilidade predestinada, — tudo vibrava em dissonâncias, que formavam no seu espírito atento as grandes harmonias de acordes inéditos. E quando a tarde apaziguadora entrava, sereníssima, na paz dos longos crepúsculos, António regressava à casa da Praça, subia a escada silenciosa e, sem

(46) *O Primeiro de Janeiro*, do Porto, 5 de Julho de 1918.

(47) *Ecos de Cantanhede*, 7 de Julho de 1918.

(48) *Correio de Cantanhede*, 14 de Julho de 1918.

que uma luz estranha viesse, como uma estridência metálica, quebrar a infinita doçura daquela hora, sentava-se ao piano e dava largas ao seu impulso criador.

Construía, então, uma sonata para piano e violino. Nesse fim de tarde,nasceu-lhe dos dedos inspirados o final do primeiro andamento. Contente consigo mesmo, abandonou o trabalho e iniciou, com ímpeto, a repetição de todas as peças que tocara no dia do exame final. Quando as primeiras cadências vertiginosas ao longo do teclado anunciaram a Mazeppa de Liszt, a casa toda pareceu vibrar. E os seus dedos, em inspirado delírio, desenhavam em som a doida correria de Mazeppa, amarrado nu ao dorso de um cavalo selvagem, que o arrastava, por dias e noites e ventos e tempestades, através da Polónia hostil, até se engolfar, num último arranco de irrealidade épica, nas longas estepes da sua Ucrânia natal.

Parou, cansado — e sorriu. Sorriu para si e para o seu segredo. Sorriu também, ao lembrar-se de uma criança, que era ele, mais de cinco anos antes, a preparar-se desajeitadamente, para um concurso que sabia perdido. Desta vez, porém, a vitória estava nas suas mãos. Venceria o concurso. E Paris já lhe acenava, como uma grande certeza. Para lá seguiria, logo que a sua vitória se concretizasse, como bolsista do Estado. Tomara até a iniciativa de entrar em contacto com o grande mestre Vincent d'Indy, que então pontificava em composição na Schola Cantorum de Paris, por ele fundada com Charles Bordes e Guilmant. Sabia bem que o mestre só recebia alunos estrangeiros, que lhe dessem provas de incontestável valor; mas as credenciais apresentadas por António Fragoso tinham sido de tal ordem, que Vincent d'Indy não hesitara em aceitá-lo, como aluno de piano e composição. Só uma pessoa conhecia o seu segredo e saberia guardá-lo, até que fosse proclamado o resultado do concurso: o seu grande amigo e confidente Fernando Cabral (49).

Mas, para além da música, e até mesmo como complementação da própria música — não esqueçamos a sua já bem delineada tendência intelectualista —, António dedicava-se também, com crescente interesse, à redacção literária. A pedido do seu querido amigo Dr. Jorge da Cruz Jorge, escreveu-lhe, a 29 de Julho, uma longa carta, publicada no *Correio de Cantanhede* de 15 de Agosto, sobre *O Carnaval de Schumann* (50).

---

(49) Devo ao Maestro Fernando Cabral, por intermédio de Maria Fernanda de Lima Fragoso Martins Soares, os pormenores desta informação preciosa.

(50) Ver, no *Apêndice*, *O Carnaval de Schumann*, de António Fragoso.

O Carnaval é, pode dizer-se, a síntese da alma desse grande génio e desse grande apaixonado que foi Roberto Schumann, o mais romântico e o mais másculo de todos os românticos.

Disseca, com segurança literária impressionante, aquele *Carnaval que eu adoro,* pois que *Schumann é, sobre todos os mestres, aquele que mais me impressiona e me entusiasma,* exteriorizando as *impressões que sinto ao ouvi-lo ou ao tocá-lo.* E há nele uma nota amarga, pela incompreensão de que também se sente vítima, ao esclarecer que *Davidsbündler (Companheiros de David) era o nome de uma sociedade que Schumann fundou no intuito de combater as rotineiras da Arte, representadas pelos Filisteus. Era uma sociedade ávida de progresso, como seria necessário criar entre nós para combater enèrgicamente todos os filisteus da nossa arte que, ligados indestrutìvelmente às velhas regras e às carunchosas ideias do passado, nem sequer consentem que nós, os novos, caminhemos cheios de fé e de entusiasmo, com os olhos postos no futuro.*

A sua mocidade falava sem reservas; a sua ânsia de renovação desmantelava a velha torre em ruínas, para que no seu lugar outra torre se erguesse, mais alta, mais firme, mais branca, mais luminosa. E ele seria, estava certo, um dos corifeus da "Ideia Nova", que havia de coroar a música portuguesa dos louros que, para ela, o seu amor ambicionava.

Em meados de Agosto, chegou Fernando Cabral. A sua presença, na Pocariça, era sempre pretexto para infindáveis noites de arte. António considerava-o como mais um irmão. Eram quase da mesma idade (Cabral ligeiramente mais novo), haviam cursado juntos o Conservatório e sonhavam, juntos, o mesmo sonho.

No dia 28, realizaram, na Curia, mais um brilhante concerto. *A assistência foi numerosíssima e selecta, sendo os artistas, que há pouco concluíram o curso do Conservatório, obtendo as mais altas classificações, muitíssimo aplaudidos* (51).

A grande imprensa referia-se habitualmente a esta dupla de artistas, chamando-lhes, simplesmente, Fragoso e Cabral. O grande público também já se habituara a pronunciar assim os seus nomes, unidos e resumidos, porque já definiam uma constante cada vez mais conhecida e solicitada. Mal sabiam, aqueles que haviam escutado, comovidamente, o concerto da Curia de 28 de Agosto, que eram detentores do doloroso privilégio de assistir, pela última vez, à apresentação dessa dupla inseparável.

No dia 9 de Setembro, Fernando Cabral partiu para Tomar. António deve tê-lo acompanhado até à estação de Cantanhede, la-

---

(51) *Gazeta de Cantanhede,* 31 de Agosto de 1918.

mentando uma permanência tão breve. E quando o combóio abalou, acenou-lhe, com certeza, de longe, um adeus de despedida. Nunca mais se tornariam a abraçar.

Foi no fim desse mês, que António escreveu o artigo *Música Portuguesa* (52). O *Correio de Cantanhede*, ao publicá-lo no seu número de 3 de Outubro, teve palavras de grande carinho para o seu *Novo Colaborador*: *O belo artigo* Música Portuguesa *que hoje publicamos no* Correio de Cantanhede *é do nosso novo colaborador, o distinto pianista Sr. António de Lima Fragoso.*

O talentoso artista já há tempos teve a amabilidade de escrever para o nosso jornal outro artigo, Carnaval de Schumann, *que foi apreciadíssimo por quantos se interessam pela divina arte da música* (53).

Esse artigo faria parte, por informação do próprio autor, de um livro em preparação, que se chamava *Cartas a Maria*. Ignoro se António chegou a escrever mais alguma coisa, para o mesmo fim. Creio que não teve tempo: morreria dez dias depois da sua publicação.

Música Portuguesa é uma página cheia de conteúdo psicológico, de uma análise profunda, por vezes de uma ironia requintada e doce, à maneira de Eça, onde é dissecado um artigo de Rui Coelho, sobre a criação, no Conservatório, de uma cadeira de música portuguesa.

É curioso observar que, neste artigo, António Fragoso refuta a possibilidade de aproveitamento dos temas populares portugueses para a realização de música séria; e que não será nesses temas pobres e inexpressivos que se irá fundar, no futuro, uma escola de música portuguesa: *Não me perece, pois, que os compositores portugueses enveredem por bom caminho servindo-se desses temas. O que, a meu ver, eles deverão fazer, os que quiserem criar uma escola de música nacional, é conceber melodias novas, com uma atmosfera nova e com uma tonalidade moderna, que vá além da tonalidade rudimentaríssima dos acordes perfeitos.*

É um espírito amadurecido pelo conhecimento, pela experiência, pela *vida*, que escreve esta página. E, contudo, aqueles que, mais tarde, pretenderam analisar em profundidade a sua obra de compositor declaram que António Fragoso acabou por beber (já teria bebido nessa altura, porque nada mais compôs), na música nacional, uma inspiração que aparentemente repudiava.

---

(52) Ver, no *Apêndice*, *Música Portuguesa*, de António Fragoso.

(53) *Correio de Cantanhede*, 3 de Outubro de 1918.

Chopin e os modernos mestres franceses, sobretudo Fauré e o Debussy da primeira fase, são os modelos inspiradores de Fragoso, que não deixa contudo, aqui e ali, de se inspirar também, e com muita felicidade, na música portuguesa, com um espírito de assimilação das suas características essenciais que certamente muito viria a contribuir para a criação de uma autêntica música nacional (54).

Sobre o mesmo assunto, diz Fernando Lopes Graça: *No melhor das poucas obras que nos legou (...), revela António Fragoso, através de fraquezas técnicas, naturais em quem não teve tempo para amadurecer o seu talento, uma real sensibilidade poética, traduzida numa linguagem harmónica de certa novidade para a época, haurida de Debussy e de Fauré, sem prejuízo de uma inspiração que com frequência vai beber às fontes da música nacional e que porventura viria a definir uma orientação estética de raiz verdadeiramente portuguesa* (55).

Estas *influências* de que falam com tanta insistência já as defini, noutro local, como um consciente e imperativo *espírito de renovação*.

Quanto às *fraquezas* que teimam também em apontar-lhe, parece até que numa tentativa subliminar de diminuição, devo dizer que toda a inovação tem fraquezas, porque toda a inovação é um caminhar no escuro, por vias não trilhadas. Há versos de Sá-Carneiro que eu teria constrangimento em assinar. Há versos de Fernando Pessoa que são um titubear indeciso, como de quem procura e não acha... Há frases musicais de Debussy que qualquer razoável compositor não assinaria.

Confesso, com humildade, que a minha pràticamente inexistente cultura musical não consegue discernir, na música *deixada* por António Fragoso (cerca de quarenta composições), aquela *frequência* de inspiração nas fontes nacionais. Estou certo, porém, de que surgiria uma *orientação estética de raiz verdadeiramente portuguesa* na música *por vir*, precisamente pelo mesmo caminho percorrido por Fernando Lopes Graça vinte anos depois, empreendendo *o estudo e a aplicação, na sua obra de criador, dos elementos melódicos, harmónicos e rítmicos do folclore português (...), em que aqueles elementos são todavia apenas considerados como pontos de partida e transcendidos numa expressão largamente elaborada (...) Partindo da matéria folclórica, o compositor procede a uma inteira recriação*

(54) *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. XV, págs. 101 e 102.

(55) *Dicionário da Música*, por Tomás Borba e Fernando Lopes Graça — Lisboa, 1956 — I volume, págs. 531 e 532. A parte biográfica é, confessadamente, de Fernando Lopes Graça.

dessa matéria, integrando-a numa expressão bem actual e de largas possibilidades, nutrida das conquistas da música contemporânea que melhor lhe pareceram adequar-se ao intento (56).

No dia 3 de Outubro, morria, na sua casa da Figueira da Foz, o maestro David de Sousa, vítima da gripe pneumónica, que então já estendia a sua asa devastadora por todo o distrito de Coimbra, grassando também, com desmedida violência, por quase todo o concelho de Cantanhede.

Entretanto, como uma ilha de milagre, a Pocariça parecia imune ao flagelo. No dia 4, António (que decerto não chegou a tomar conhecimento da morte do maestro) fazia a colorida descrição de uma esfolhada, realizada na véspera, pelas *pessoas gradas que este ano têm veraneado na Pocariça, a tão hospitaleira e encantadora aldeia onde eu nasci, e onde ainda não chegaram senão os ecos das epidemias* (57).

...senão os ecos das epidemias — daquela epidemia brutal, que havia de o levar nove dias depois!

O artigo, em forma de carta a Fernando Botelho Leitão, que nesse ano não pudera fazer a sua costumeira visita à Pocariça, foi publicado no *Correio de Cantanhede* do dia 10 — e era uma canção de mocidade e de esperança:

As férias estão terminadas. Dentro de breves dias iremos novamente trabalhar, pró música (...) *essa arte subtil e engenhosa que nós cultivamos com tanta fé e tão entusiástica paixão.*

E então, sùbitamente, como tempestade que desaba, paradoxal, de um céu transparente e claro, a pneumónica desabou sobre a Pocariça, levando, a todos os lares desprevenidos, o medo, o desespero, a desolação. Em casa do Dr. Viriato, onde tanta gente se reunia, sòmente a velha avó D. Henriqueta resistiu ao contágio. O *Correio de Cantanhede* do dia 10 cita, nominalmente, todos os componentes da família, atingidos pela gripe. Entretanto, de todos os irmãos, António foi dos últimos a tombar — e o primeiro a morrer. Não acreditava ainda — não acreditaria nunca — que o esplendor da sua mocidade abdicasse da saúde, quanto mais da vida.

Tentava, por esses dias, começar o segundo andamento da sua sonata para piano e violino. Num início de tarde calma, em que uma

(56) *Dicionário da Música* cit. II Volume, 1958, pág. 138. Artigo de João José Cochofel.

(57) Ver, no *Apêndice, A Esfolhada,* de António Fragoso.

ideia feliz acordara dentro dele, apanhou apressadamente o papel de música e correu ao piano; a meio da escada, porém, teve de parar, ofegante. Um estranho torpor apoderava-se, lento mas contínuo, de todo o seu corpo, numa diminuição de sensibilidade física, que não atingia a força do pensamento em ebulição. Subiu, com certa dificuldade, os últimos degraus. A tampa do piano pareceu-lhe carregar, ao erguê-la, o peso do mundo. Um cansaço sem dor cobria-o, como uma redoma opaca. As mãos, sempre tão enérgicas e nervosas, pousaram sobre o teclado, entorpecidas e flácidas.

Que maçada! Agora, que a inspiração lhe vinha tão fácil, eram os dedos que se negavam a dar-lhe realidade sonora! Mas — seriam realmente os dedos, ou aquele cansaço invencível, que sentia apoderar-se dele, com desmedida força, mas com surpreendente doçura?

Que se passava? A Ideia, perfeita e completa, cantava-lhe não sabia donde, de qualquer recanto ignorado do cérebro, onde havia luzes e vibrações; mas quando, pelo caminho costumeiro dos nervos excitados, a "imagem" rítmica ansiava por realizar-se, extravasando, os dedos, sonolentos, descaíam sobre as teclas numa languidez estéril. Era nova, e era estranha, aquela sensação. Não havia desespero, nem medo, nem sequer expectativa ansiosa: apenas uma surpresa vaga, como se alguém lhe pegasse pelo braço e lhe abrisse aos olhos, pelo lado de dentro, paisagens sem contorno, paisagens que não eram paisagens, mas que ele sabia serem, embora a sua imaginação as não supusesse.

Talvez fosse melhor abandonar, por um momento, aquele mundo interior, aquele mundo anti-mundo, que lhe aparecia pela primeira vez, sem que tivesse ânimo para o captar e compreender. Sentia-se só, infinitamente só, nesse mundo vazio de todas as formas e de todas as mutações a que se habituara. Necessitava, com urgência, de buscar uma companhia qualquer, que o trouxesse de novo às suas estradas autênticas, livrando-o do paroxismo de um clima emocional que não buscara.

Sem consciência do seu gesto, estendeu o braço para as músicas, em desordem de acaso, que formavam um montão informe sobre a mesa ao lado. Pegou uma, sem ver; e, sem ver, abriu-a na estante do piano. Leu Grieg no canto da página. O *andante doloroso* dos primeiros acordes disse-lhe o nome: *A Morte de Ase*. Continuava a não compreender. No seu isolamento, pedira, nem sabia a quem, uma companhia. E o destino mandava-lhe aquilo. A morte de... Ase — a morte... de quem? Quem fora Ase, que Grieg chorava tão docemente? Ele sabia a história, tinha a certeza que sabia; mas — que se passava com ele? — não conseguia lembrar-se. Lembrava-se apenas que era a morte... de alguém. Os seus dedos deslizaram, suavìssimamen-

te; parecia-lhe sentir lágrimas nos seus dedos, como se, separados dele, por ele chorassem.

— "Meu Deus! Creio que estou a arder em febre! Será que...? Não, não deve ser. É só cansaço. Tenho trabalhado de mais. Talvez que um bom sono me liberte de tudo isto..."

Ao cair da tarde, meu pai foi chamado mais uma vez àquela casa — e não gostou do que viu. Teve o pressentimento, a intuição aparentemente sem base, de que se preparava, ali, uma grande tragédia.

Prometeu voltar; e voltou, todos os dias. O Dr. Viriato, D. Maria Isabel e D. Maria José, já refeitos, acudiam, com solicitude, aos seus doentes queridos. A pequena Maria Fernanda não mostrava já sinais de perigo, se é que alguma vez os tivera. Esse perigo, que se acreditava presente em toda a parte, nascia do medo, do pavor que entrava em todas as casas — e ali ficava, como um intruso, teimoso e impertinente. Mas os irmãos... E meu pai sentia crescer dentro dele uma raiva surda. Um curso em que julgava ter aprendido tudo para tudo dominar; o convívio diário com a doença, com a miséria, com a morte, que deveria ter formado à volta do seu coração uma crosta de hábito, se não de cinismo indiferente — e ali estava, sem nada saber, sem nada poder, mas tudo sentindo, com uma amargura infinita e uma infinita humildade, impotente para derrotar um mal que ninguém ainda derrotara, que a "ciência" que lhe haviam ensinado não conseguia vencer!

No dia 12 de Outubro, fez uma verificação que lhe deu uma certa perplexidade. No Carlos, na Maria do Céu e na Maria Isabel, a pneumónica apresentava-se com a sintomatologia habitual. Nada fora da rotina. Mas, com o António, o quadro clínico desviara-se da normalidade. Havia sintomas novos, que faziam pensar numa peritonite. Mas, porquê, agora, uma peritonite? E, contudo, tinha quase a certeza de que o seu diagnóstico estava certo. Mas, iria essa descoberta alterar alguma coisa? Parecia-lhe que não.

No dia 13, ao entrar no quarto de António, desvaneceu-se, no seu espírito, a última réstea de esperança. O doente, recostado nas almofadas, mostrava-se um pouco agitado; havia, nos seus olhos, um brilho seco, que quase lhes dava uma aparência de luz própria; todo o sangue lhe subira ao rosto, afogueado e ligeiramente disforme. E falava, falava sem cessar, convencido de que a sua voz atravessaria paredes e se projectaria na praça; mas meu pai teve de se aproximar para poder ouvi-la. Na realidade, a sua voz era débil. Que dizia? *Naquele estado sub-consciente que precedeu a sua rápida agonia, as suas palavras, entrecortadas e dispersas, dirigiam-se para Deus, para os seus e para a Música.*

Já débil a sua voz, falava ainda na música com entusiasmo e com entusiasmo idealizava o seu triunfo futuro (58).

Era isso o que ele dizia, mais tarde inteiramente confirmado por meu pai. Quando a porta do presente, empurrada por ventos de agoiro, se ia a pouco e pouco fechando; quando o seu nome, a sua figura, o esplendor da sua arte começavam a ser apenas passado —, António recapitulava os sonhos do futuro, o grande futuro de que nunca descreu até ao fim: a vitória certa no concurso, a corrida a Paris, as lições preciosas de Vincent d'Indy; e, depois, a técnica perfeita, o deslumbramento antecipado de um dia poder ser ele mesmo, igual a ninguém; e depois ainda, as viagens que projectava, os concertos que daria, o seu nome todo em maiúsculas, nos cartazes das grandes capitais. E havia um sonho maior, que ainda maior se tornaria, quando pudesse realizá-lo: depois de um concerto em Lisboa, onde iniciaria a sua peregrinação pelo mundo, ambicionava conhecer o Brasil, mostrar-se ao Brasil, para que o Brasil, rebento prodigioso da mesma cepa lusíada, também dele se orgulhasse, como de coisa sua.

Estava agora mais calmo. Sorria até, como numa desculpa pela exaltação a que se deixara arrastar. Quis saber dos irmãos. Meu pai não hesitou na piedosa mentira de lhe dizer que tudo ia bem, embora soubesse que, no quarto ao lado, a Maria Isabel agonizava. Falava-lhe baixinho, no tom de quem embala uma criança com sono. Num gesto amigo, pousou a sua mão espalmada sobre o antebraço do doente. Como quem afaga, a mão foi descendo, suavíssima, até que as polpas dos dedos tocaram, no pulso, a radial. Nada sentiu. Aumentou a pressão, já agora indiferente à interpretação que fosse dada ao gesto. E esses dedos, de uma acuidade extraordinária, por longa prática de profissão e, sobretudo, por condições especialíssimas de sensibilidade própria, perceberam apenas, quase que apenas adivinharam, ténue e fugidio, um pulso irregular e filiforme, como as últimas vibrações de uma corda que volta ao repouso.

Era o princípio do fim. Pouco depois, António morria, sereno como uma criança que adormece. Apesar de tudo, Deus fora bom, anestesiando-o de sonho, antes de lhe cortar, cruentamente, as asas.

Morreu quando os primeiros louros lhe perfumavam a fronte; e a sua alma, voando para Deus, desprendia-se da vida, serenamente, embalada por essa música com que o grande artista sonhara um dia deslumbrar o mundo e fazer a sua glória (59).

---

(58) Dr. Jorge da Cruz Jorge, art. cit.

(59) Dr. Jorge da Cruz Jorge, art. cit.

Ao fundo do corredor, na sala deserta, um vento morno de outono agitou, sobre a estante do piano agora condenado a longos anos de silêncio, as folhas abertas da *Morte de Ase* — da morte de alguém, que alguém chorara em harmonia.

O mundo parou, na expectativa teimosa de um milagre. Mas o milagre não veio. Um grande silêncio tombou sobre a vida.

E *António Fragoso lá foi esconder debaixo de sete palmos de terra, num coval pequeno como um berço, no cemitério humilde da sua aldeia nortenha, o enigma indecifrado do seu génio criador, levando consigo a enterrar uma das mais decisivas esperanças da Arte musical portuguesa* (60).

---

(60) Oliva Guerra, art. cit.

DEPOIS DA TRAGÉDIA

Maria Isabel morreu no mesmo dia 13. Maria do Céu subiu, no dia 15, ao céu que o seu nome anunciava. Carlos, mais resistente, ou mais agarrado à vida, só sucumbiu a 17.

E naquela casa, que conhecera a felicidade total, vagavam agora, como fantasmas, as sombras de quatro velhos, atormentados pela dissonância inocente do alegre tagarelar de uma criança.

O Dr. Viriato, então na plena força dos seus 46 anos, embranquecera totalmente em menos de quinze dias; D. Maria Isabel, ultrapassados os limites da dor consciente, andava de quarto em quarto, olhando leitos vazios, espelhos que não reflectiam imagens, janelas por onde a claridade não entrava, tacteando, como sonâmbula, dentro da noite do seu pesadelo sem fim; D. Maria José, que queria ser forte, que precisava de ser forte, esgotara toda a sua capacidade de rezar, suplicando a Deus que lhe concedesse — ao menos! — uma fortaleza de ânimo que Deus, afinal, também lhe não concedeu; sòmente a velha avó D. Henriqueta, cansada e débil, conseguiu arrancar, do fundo do seu amor tão abnegado e tão velho, a desesperada obstinação de viver, para que aquela casa deixasse de ser um sepulcro de mortos-vivos. Havia ali uma criança que queria rir, e era preciso que alguém risse com ela. E essa vèlhinha heróica realizou o milagre de transformar a sua dor infinita num arremedo cruel e desesperado, mas que a pequenina Maria Fernanda aceitou como se fosse um sorriso!

E não longe dali, aconchegados no pequeno e florido cemitério, os quatro irmãos repousavam lado a lado, quase que de mãos dadas, tal como haviam passado pela vida tão breve, formando agora, na indefinível harmonia do sem-tempo, um acorde perfeito menor.

O país inteiro estremeceu. A imprensa fez-se eco, eloquente e sincero, desse estremecimento.

Uma das primeiras cartas a chegar foi a do professor Francisco Baía, Director da Escola de Música do Conservatório de Lisboa. Era uma carta formalista e empertigada como o seu autor, mas profundamente sincera, em que, ao apresentar *em meu nome e no do Corpo docente desta Escola a expressão das mais sentidas condolências,* notificava que *o Conselho Escolar, sob a minha presidência, deliberou consignar na acta da sua última sessão, um voto de sentimento pela perda prematura dum aluno tão notável* (61).

Passado o primeiro momento de impacto, quando a razão retomava, lentamente, o lugar do sentimento exaltado pela brutalidade do destino, as grandes vozes começaram a fazer-se ouvir, ainda doloridas, mas já definidoras da enorme esperança perdida.

Exactamente um mês após a morte de António Fragoso, mestre Adriano Merêa, o primeiro que antevira, embora ainda então tìmidamente, o génio luminoso que despertava para a música, abriu, agora, sem reticências, as portas à emoção, num longo artigo, de que recorto os trechos mais significativos.

Faz hoje um mês que, ao ir-se deste mundo esse excelente moço que se chamou António Fragoso, a música perdeu uma autêntica vocação, e a terra portuguesa uma das almas mais gentis que dela têm brotado.

Foi-se quando, coincidindo com os primeiros dias tristes da desfolha, soprou mais rijo a rajada da morte numa devastação de vidas ante a qual o cuidado pelos nossos e a pena dos que abalavam, nos criaram uma disposição de ânimo incapaz de associar duas ideias.

Agora que, amainado o vento de extermínio, começa a abrir-se caminho à normalidade, as nossas primeiras linhas queremos dedicá-las ao jovem e desventurado amigo, morto em pleno desabrochar da mocidade, quando tudo é azul e sobredoirado de ilusões, quando, naturalmente, para os talentos de eleição como o dele, a vida se desenhava brilhante e triunfal. Apagou-se aos 21 anos essa juventude que foi uma alvorada esplêndida, uma obra promissora em extremo, de que apenas ficaram as páginas do começo!

Decorrido um mês — mês infindável de lutos e sobressaltos — é ainda sob o domínio de profundíssima dor que recordamos quanto soubemos e conhecemos desse juvenil artista de que o nosso olhar não fixara ainda a figura aprumada e miúda, e pelo qual já nutríamos a simpatia que merece todo o espírito entusiasta e ansioso de cultivo.

---

(61) De uma carta de Francisco Baía ao Dr. Viriato de Sá Fragoso, com data de 19 de Outubro de 1918.

E depois de traçar, a largos traços, as suas lutas, os seus anseios, os seus triunfos, Adriano Merêa termina com estas palavras, que merecem transcrição integral:

No trato, cortez e simples, António Fragoso era a flor dos rapazes. Coração aberto a quanto fosse grande, generoso e belo, nunca abrigou um rancor. Como é natural num compositor ainda a formar-se, os verdes anos, arrastando-o para o modernismo, nem sempre o faziam encarar com bons olhos a sã doutrina académica que aos professores cumpria incutir-lhe; mas nem por isso lhes foi menos respeitador, ou no íntimo lhes dedicou menos estima.

Tal foi nas suas qualidades de artista, tão formosas como as afectivas, esse desventurado moço que hoje dorme o sono eterno no cemitério da sua aldeia.

Terá alguma inscrição a sua campa? Se a não tem, num rectângulo de pedra muito alva e muito lisa, como foi a alma do extinto, figura-se-nos melhor que qualquer outra, esta que há muitos anos já serviu para um compositor célebre: "A música não só perdeu um precioso tesoiro, mas ainda mais preciosas esperanças" (62).

Mário de Sampaio Ribeiro, que já citei, muitas páginas atrás, ajudando-me a pôr a verdade no seu lugar, também trouxe, com a sua autoridade, palavras de emocionada justiça:

Morreu António Fragoso!

Que de desilusões nestas três palavras...

Era um novo; um novo que prometia como poucos chegar a ser um grande músico.

Pianista superior, discípulo de Marcos Garin, teve o seu curso merecidamente rematado por vinte valores, por não haver classificação mais elevada.

Mas, sem dúvida, onde um largo e brilhante futuro se lhe abria era como compositor.

....

Morreu com 21 anos, este moço artista, talentoso e temerário, que, com rudimentares conhecimentos da gramática musical, abordou o género de composição mais difícil — a musica de câmara (63).

Até o velho mestre Tomás Borba, com uma emoção que nos enternece, deu largas a uma exaltação cheia de nobreza, chegando mesmo, com uma humildade muito grande e muito digna, a confessar uma incompreensão pelo génio, que o próprio génio, pela sua própria força, transformara depois em compreensão e amor:

---

(62) Adriano Merêa (Dom Modesto), in *O Dia*, de Lisboa, 13 de Novembro de 1918.

(63) Mário de Sampaio Ribeiro, art. cit.

Depois da morte do velho professor Frederico Guimarães e do David de Sousa, de quem muito havia ainda a esperar, se bem que este já fosse uma glória nossa, a terrível epidemia que reina — ou o quer que fosse — roubou-nos agora, há dias, sem piedade nem dó dum pai que vê a caminho do cemitério os cadáveres de 4 filhos, roubou-nos, sim — é o termo — fivelando sinistramente a máscara truanesca dos grandes cinismos, a mais bem fundada e lídima esperança da nossa escola de arte, um rapaz de vinte anos, que, diga-se para vergonha dos vermes que o hão-de roer na modesta sepultura dum cemitério de aldeia, deixa em preciosas páginas de música que todos devemos beijar, a afirmação mais bem argumentada que se pode levar aos tribunais da história, a afirmação e a prova do seu talento e da sua grande alma de artista.

Se como mestre muitas vezes o feri no seu legítimo orgulho — porquanto os voos da sua imaginação, ou antes dos seus sonhos de criança, não queriam conhecer outras regras que as da fantasia e do sentimento — como artista e, mais ainda, como português, choro hoje lágrimas de sangue sobre a tumba que no-lo arrebatou para sempre, e sem dó sequer de quem via em António Fragoso mais que o afecto esfacelado dum pai que chora, o bem esperançado orgulho duma raça que precisa futuro.

António Fragoso, ao morrer, não teve as glórias vãs duma biografia que exalta; mas tem a abençoar-lhe a memória as lágrimas íntimas mas muito sinceras dos que lhe adivinharam o talento. Chorá-lo-á Marcos Garin, chorá-lo-ei e chorá-lo-ão seus pais, se para tanto ainda lhes sobejar coração e vida. E se estas poucas lágrimas escaldantes — ia dizer desesperadas — não forem bastantes para consolar a alma nacional pela perda do seu artista de maior futuro talvez que nós conhecíamos, servirão ao menos para ir regando, em cada outono que passar, a sepultura leve de quem tão cedo morreu que nem tempo teve sequer de gritar tão alto, tão alto, que o ouvissem todos, para nosso bem e por nossa honra: Pátria, conta comigo! (64)

E do fundo da província, chegava o eco triste de uma grande amizade e de uma grande dor. O *Correio de Cantanhede* publicara um número especial "In Memoriam" do morto amado e ilustre. São do seu amigo de todas as horas, do seu confidente de todos os sonhos, as palavras sentidas que abriam, na primeira página, a afirmação de uma grande saudade:

(64) Tomás Borba, art. cit.

Presta hoje este pequeno jornal o seu preito de homenagem à memória do moço artista que desapareceu há três meses no desenrolar duma tragédia enorme que o coração sente esmagadoramente, mas que as palavras são mesquinhas para narrar.

A tremenda calamidade que durante dois meses esmagou o mundo sob o peso duma fatalidade imensa e atroz, fez juntar em cinco dias, à sombra da mesma cruz dum cemitério, os cadáveres de quatro irmãos, que a morte roubou implacàvelmente, quando a mocidade sorria, com todos os seus sonhos e as suas ilusões.

As minhas lágrimas são para todos a melhor homenagem.

Hoje, as minhas palavras simples mas profundamente sinceras vão ajudar a tecer a coroa com que devemos glorificar o Artista.

António de Lima Fragoso era uma verdadeira alma de artista.

A sua sensibilidade nutria-se de Arte, nas suas manifestações mais puras e mais grandiosas.

A técnica musical, como a técnica das artes plásticas, ensina-se e aprende-se. Mas alguma coisa há que não se aprende nem se ensina: — a inspiração, a faculdade criadora.

. . . .

António Fragoso nasceu artista; tinha aquela visão interior de beleza que torna nobre a vida e impõe a obra de arte pelo seu cunho subjectivo e próprio que só lhe pode dar um temperamento privilegiado.

Com pouco mais de vinte anos não tinha ainda atingido a plenitude dos conhecimentos técnicos da sua arte; mas no dia (que não viria distante), em que ele tivesse a completa consciência do "métier", António Fragoso era uma águia cujo voo seria longo e seguro.

. . . .

Como compositor, as suas obras(...) representam a afirmação cabal dum talento raro que um dia seria a glória do seu país (65).

No dia 16 de Março de 1919, realizava-se, no Teatro São Luís de Lisboa, a festa artística do Maestro Pedro Blanch, então director da Orquestra Sinfónica Portuguesa. Do programa, constava, em primeira audição, o *Nocturno* para orquestra de António Fragoso.

Este último trecho, sendo um trabalho muito apreciável, causou profunda emoção em toda a assistência, por recordar o desditoso e jovem artista, nosso compatriota, que tão cedo a terrível Parca roubou ao nosso convívio, quando o seu formoso talento começava a manifestar-se (66).

---

(65) Dr. Jorge da Cruz Jorge, art. cit.

(66) *O Século*, de Lisboa, 18 de Março de 1919.

A festa, pela sua beleza e equilíbrio, foi elogiosamente comentada nos meios musicais. E mais uma vez, o velho mestre Tomás Borba, referindo-se a ela, deu largas a um grande amor, que já não cabia no silêncio do seu coração:

A terceira parte, para o meu coração de português, talvez a melhor, abriu com um hino de amor — deixem-me chamar-lhe assim — à memória de um rapaz que morreu aos vinte anos, quando todos olhávamos para ele com a alma cheia de esperanças, certos de um futuro melhor para a nossa pobre arte que o mais lindo céu azul de todo o mundo não conseguiu ainda fecundar, como desejávamos, como queríamos, como de direito nos pertencia esperar, se a fatalidade não estivesse contra nós, como um castigo implacável de Deus, que se vinga assim, sem clemência, das maldades de um povo votado ao esquecimento ou à morte, se nos não valer um grande milagre de salvação, que só de um grande amor pela querida pátria pode provir, se for possível. Foi de lágrimas nos olhos que os que conhecemos António Fragoso ouvimos ontem aqueles acordes inéditos, que a sua grande alma de artista pôs naquele "Nocturno", que nem chegou a ouvir, porque o não quis a morte que no-lo roubou, há cinco ou seis meses, quando ele, apenas, ainda sorria para uma glória tão certa que os anjos lha invejaram na infinita bondade do seu coração puro. A exposição do tema fá-la António Fragoso na harpa e numa flauta e é nesta simplicidade de formas que a sua obra — que já não era pequena — há-de viver na glória de Deus, porque o seu Portugal tão querido não o ouvirá mais senão chorando uma grande esperança que se diluiu já num passado morto (67).

A indiscutível autoridade de Tomás Borba imprime às suas palavras um significado consagrador.

Mas não era ainda a consagração: ainda era o espanto, a surpresa dolorosa, o impacto emocional, a história sofrida e viva. E a história viva tropeça no espírito emotivo dos homens que a vivem. Só os largos horizontes, abertos na planície do tempo, corrigem as perspectivas e dissipam a névoa das paixões.

Mas a consagração, essa, havia de vir; e quando se estruturasse, seria definitiva e total.

---

(67) Tomás Borba, in *Diário de Notícias*, de Lisboa, 17 de Março de 1919.

PARA A ETERNIDADE

O tempo foi passando; e o tempo que passava ia secando as lágrimas. O instinto de vida sobrepunha-se à dor. O mundo esquecia, a pouco e pouco, as duas pragas: a guerra e a peste.

E, de novo, a razão comandou as acções dos homens. As fogueiras onde ardiam secas vaidades apagaram-se — e as cinzas regressaram ao pó anónimo que ninguém olha; os ídolos de barro, na sua imobilidade estéril, foram entregues à erosão do tempo — minguando sempre, até se nivelarem, esquecidos, ao chão da planície raza.

E, então, aparadas as excrescências efémeras, o sol do novo dia iluminou, em cheio, os que tinham adquirido o direito de permanecer de pé. E a pouco e pouco, com o tempo que passava, a figura de António Fragoso ia adquirindo os contornos definitivos da sua inconfundível personalidade artística.

Como todos os espíritos fortes, pelo coração e pelo génio, António Fragoso também teve os seus apóstolos inumeráveis, que por convicto amor, propagaram, com fé inabalável, a sua doutrina de beleza e de harmonia. Há, contudo, na arte dos sons, três grandes nomes a que dou, aqui, o relevo que merecem: LOURENÇO VARELA CID, ANTÓNIO FERNANDO CABRAL e FERNANDO BOTELHO LEITÃO; e, na arte da palavra, duas grandes sensibilidades, de lirismo enternecido e de magoada saudade: ADRIANO MERÊA e OLIVA GUERRA. A história de António Fragoso ficaria incompleta, se dela não constassem esses cinco nomes, assim como vão escritos, todos em maiúsculas, por imperativo da minha admiração comovida.

E por eles, e por muitos outros na esteira deles, a obra de António Fragoso entrou, definitivamente, nas páginas iluminadas da história que fica. Nestes longos e convulsionados cinquenta anos que nos separam da sua morte, as suas composições correram Portugal de Norte a Sul, em concertos impossíveis já agora de enumerar. As suas obras entraram num ritmo de execução igual às dos

grandes compositores de todos os tempos; documentadamente, a Espanha e a França aplaudiram-nas; algumas foram orquestradas por grandes nomes da música contemporânea; cerca de vinte estão incluídas, oficialmente, nos programas do Conservatório Nacional de Música de Lisboa.

Muito o meu coração teria ainda a exaltar; muito a minha voz teria ainda para dizer. Mas, nesta modesta obra, que pretende, acima de tudo, ser autêntica, achei preferível fazer ouvir também outras vozes, muito mais convincentes, muito mais conhecedoras, muito mais sábias e, por isso, muito mais consagradoras do que a minha.

É possível que o entrecortado das transcrições quebre o ritmo de harmoniosa sequência que procurei dar ao meu trabalho. Em contrapartida, virá dar-lhe — estou certo — maior autenticidade.

Encheria centenas de páginas, se me propusesse transcrever tudo o que conheço, referente à exaltação do génio de António Fragoso. Limitar-me-ei, por isso, a pequenos excerptos, colhidos aqui e ali, em buscas quase de acaso, frases definidoras de um temperamento de excepção. Não é alegre o meu pensamento ao fazê-lo, porque ao reler o muito que se disse, mais fundo sinto o muito que se perdeu.

É a primeira vez que se nos oferece ocasião de falar do temperamento absolutamente genial de António Fragoso (...)

Ao ouvirmos a frase admirável do Nocturno, em que a mais viva e sentida emoção se alia a um modernismo da maior elevação, sentimos a perda que sofreu Portugal, perdendo quem, sem dúvida, ia muito em breve ser a primeira figura de toda a história da música portuguesa. O índice mais seguro do génio de António Fragoso está na naturalidade com que lhe brotava da imaginação toda a mais requintada linguagem harmónica da música de hoje.

Na sua música, nada do desejo de espantar, da acumulação a frio de dissonâncias à maneira dos conhecidos estrangeiros. António Fragoso não foi moderno por snobismo ou por desejo frenético de excentricidade como tantos, que aliás são imediatamente reconhecidos e marcados pelo verdadeiro músico; António Fragoso escreveu modernamente, porque pela virtude do seu génio ele pairava a uma altura que a maioria não pode atingir, porque a linguagem que ele nos mais verdes anos falava, com divinação milagrosa, era a sua linguagem natural, e a prova da sua naturalidade está no cunho de sincera emoção que se desprende da sua música.

Era uma obra patriótica e necessária, a publicação da obra completa de António Fragoso, um dos raros compositores portugueses cuja obra pode ter alguma coisa de novo ou de interessante a dizer aos melhores músicos estrangeiros (68).

Je citerai tout particulièrement la "Berceuse" de Fragoso, jeune artiste mort à 21 ans, et qui promettait de devenir un remarquable musicien.

La phrase se déroule gracieuse, un peu mélancolique, sur des harmonies distiguées, d'un modernisme pas trop outrancier, et d'une charmante sonorité (...) (69).

Elle (Lydia Cutileiro de Magalhães) *a chanté aussi en grande artiste deux adorables compositions portugaises pleines de nostalgie et de tendresse: la "Pastoral" de M. Viana da Mota et "Chanson Triste", de A. Fragoso, un compositeur de grand mérite qui la mort a emporté à dix-sept ans* (70) *et qui pourtant a pu encore nous laisser quelques oeuvres exquises* (71).

António de Lima Fragoso, essa criança que seria em breve uma glória de Portugal, se a terrível pneumónica o não levasse (72).

Ao escutar o maravilhoso Prelúdio *e a envolvente* Berceuse *desta* Suite, *todos ficam espantados ao saber que o seu autor morreu com vinte e um anos.*

Que fada entregaria àquela criança predestinada o condão de umas sonoridades tão instintivamente modernas, tão espontâneamente belas, quem lhe ensinaria o segredo de tão geniais combinações harmónicas que muitos compositores nem na maturidade sabem encontrar?

É que nessa criança estava o embrião de um grande artista; o seu talento não lho formaram escolas, nem lho deu ninguém.

---

(68) Luís de Freitas Branco, in *Diário de Notícias*, de Lisboa, 2 de Junho de 1920.

(69) H. Woollett, in *Journal du Havre*, 18 de Março de 1921.

(70) Aliás, 21 anos.

(71) *Paris-Notícias*, 21 de Novembro de 1921.

(72) Elisa Baptista de Sousa Pedroso (Carnaxide), in *Diário de Notícias*, de Lisboa, 22 de Abril de 1922.

António Fragoso nasceu artista por obra de Deus e veio ao mundo marcado com o selo dos grandes destinos, esses destinos, cujo fio foi inesperadamente cortado pela mão da morte quando todas as esperanças lhe sorriam, quando um grande futuro se estreabria para ele (73).

Depois apareceu uma criança admirável — Lima Fragoso —, que infelizmente a morte roubou cedo. Era uma das maiores promessas de música nacionalista (74).

O Prelúdio, *tão estranho na cor, tão pessoal no desenho delicado, e a* Dança, *curiosa pela harmonia e por efeitos de ritmo que lembram a influência de Chabrier, são duas páginas que só produz quem tenha nascido artista* (75).

Ainda não ouvimos uma obra de Fragoso que não tivéssemos de admirar. Mais uma vez sentimos a necessidade de dizer que, apesar de tão novo, ele era um dos raros compositores portugueses cuja obra a todo o tempo poderá resistir ao confronto com o que produzem os grandes centros de cultura musical no estrangeiro (76).

Em Novembro de 1922, passou por Lisboa o grande pianista espanhol Tomàs Teran. Procurado pela reportagem de *O Dia*, foi registado um diálogo — creio que fiel —, de que extraio os tópicos que mais directamente nos interessam.

— *Pensa dar brevemente um concerto em Lisboa?*

— *Sim; devo tocar primeiro com orquestra. Depois, num concerto, quero tocar algumas obras desconhecidas do público de Lisboa, e que devem impressioná-lo.*

— *Quais?*

— *Obras de Villa Lobos, um brasileiro moderno, de imenso talento. E, sobretudo, uma sonata de um malogrado compositor português que eu admirava e admiro extraordinàriamente: António Fragoso.*

(73) Oliva Guerra, in *Diário de Lisboa*, 11 de Maio de 1922.

(74) Dr. Manuel de Oliveira Ramos, in *Diário de Lisboa*, Maio de 1922.

(75) Dom Modesto (Adriano Merêa), in *O Dia*, de Lisboa, 22 de Maio de 1922.

(76) Luís de Freitas Branco, in *Diário de Notícias*, de Lisboa, 10 de Junho de 1922.

— Levou-o a pneumónica, aos 21 anos.

— Exactamente. Era um temperamento autênticamente privilegiado.

— E qual a obra dele que vai executar?

— É nisso que reside o maior interesse do meu concerto... É uma sonata completamente desconhecida, e inédita. António Fragoso mandou-me para Espanha o manuscrito. Tenho-o ali... Morreu pouco depois... Jurei a mim próprio, no primeiro ensejo, tornar conhecida em Portugal essa valiosa obra dum português, dum novo que deve merecer a saudade e admiração de todos (77).

A que *sonata* se referiria o artista espanhol? Não faço a menor ideia. Nem sei, sequer, se alguma vez chegou a tocar em Lisboa — e se realmente apresentou, como havia prometido, uma sonata *inédita* de António Fragoso. Das suas músicas, apresentadas em numerosos concertos, sei apenas de *uma* sonata, em mi menor, classificada por Adriano Merêa, um pouco arbitràriamente, de op. 1, de que o público tomou conhecimento no dia 16 de Maio de 1916, na Academia de Amadores de Música, de Lisboa. E, quando morreu, deixou, inacabada, uma sonata para violino e piano, de que apenas escreveu o primeiro andamento.

Se António Fragoso realmente enviou a Tomàs Teran o manuscrito de uma sonata, custa-me a aceitar que não conservasse, em seu poder, uma cópia — que não apareceu nos seus papéis. Acredito, por isso, sendo fundamentada a afirmação de Tomàs Teran, tratar-se da sonata em mi menor, ainda não impressa e que, por esse motivo, o músico espanhol julgava ser *completamente desconhecida*.

Entre as peças para piano, nomeadamente as Pensées Extatiques, Prelúdios *e* Nocturnos *e também entre os* lieder, *com especialidade as* Canções do Sol Poente *e as melodias sobre poesias de Verlaine, abundam as páginas que atestam a cada passo uma flexibilidade e uma delicadeza de engenho notáveis. São poucas, e não das melhores, as peças de carácter agitado e impetuoso. Em António Fragoso a índole de artista não se afazia à turbulência; antes se conformava com a expressão de brandos estados de alma. O que mais lhe exaltava a sensibilidade e o poder de idealização era a expressão musical das aspirações vagas, indefinidas, a interpretação dos anseios*

(77) *O Dia*, de Lisboa, 18 de Novembro de 1922.

reprimidos, das ilusões desfolhadas, de tudo, enfim, que estremecendo de afecto, se nublasse ao mesmo tempo de macio véu de tristeza.

. . . .

Não tenham dúvida: António Fragoso foi um músico poeta, porque nele era natural converter na linguagem dos sons as emoções que a natureza, ou a vida, nele despertavam. Espontânea, variada de forma, mas sempre penetrante de melancolia e de inefável delicadeza, a sua obra musical não é senão uma confidência íntima, uma revelação do seu sentir, um perfume da sua alma (78).

O seu espírito gentil, onde se aninhavam tantas concepções altas de beleza, onde dormiam tantos segredos amplos como voos de águia, segredos que todos nós pressentíamos, mas que a morte não deixou revelar, ia construir o seu castelo doirado de futuras glórias.

A sua obra de até então, a obra que todos nós admiramos com devoção, era a obra de uma criança. Mas que criança sublime e excepcional!... Quantos compositores na maturidade não invejariam para si a obra deste artista de vinte anos!...

É que a sua organização excepcional viera a este mundo com o traço indelével das coisas predestinadas, o sopro audaz que animava as suas criações tinha o seu quê de sobrenatural; de resto é sempre tudo o que nas criaturas forma e assinala o génio.

Na sua intuição de eleito, António Fragoso, sem quase conhecer regras, que o seu talento de audacioso despresava, porque sentia dentro de si um par de asas a pedir-lhe horizontes largos para esvoaçar sem obstáculos, penetrou de instinto toda a essência da arte moderna, realizando verdadeiros milagres de construção harmónica e de trouvailles *de sonoridade que a todos os que ouvem as suas composições enchem de pasmo e enternecimento.*

Deixou uma obra já bastante vasta, onde há composições para piano, canto, grupos de câmara, e um nocturno, *que é uma verdadeira obra prima de inspiração para piano, e cuja orquestração foi um dos seus últimos trabalhos.*

O que caracteriza as suas composições é uma espontaneidade fascinante no encontro e no desenvolvimento das ideias musicais, é uma intuição admirável dos valores sonoros de cada combinação harmónica, um grande equilíbrio de proporções, uma harmonia in-

(78) Adriano Merêa, 15 de Abril de 1923, in *Composições para Piano*, de António Fragoso.

finita nas diferentes partes das suas sínteses e então — oh! isso sotudo — uma centelha de emoção, um frémito de apaixonada sinceridade e uma tão sentida veemência no entusiasmo da concepção, que comovem e nunca mais esquecem a quem uma vez escutou essas páginas adoráveis.

Lima Fragoso tinha diante de si um grande futuro, de luz e de triunfos. A mão da morte cortou o fio luminoso das suas legítimas ambições numa hora trágica que ficou a viver para sempre na alma dos que o choraram durante longos dias e ainda hoje o choram na desolada sensação de insusbstituível que o seu génio deixou a todos que de perto o conheceram.

. . . .

Artistas de Portugal, lançai algumas flores de saudade na campa de Lima Fragoso, que a sua obra, apesar de ser a duma criança, é um exemplo e uma lição (79).

Seja-nos lícito salientar o nome do malogrado António de Lima Fragoso, talento de primeira plana, músico-nato, que a pneumónica roubou antes de os seus méritos receberem a consagração que lhe era devida e lhe estava naturalmente guardada.

Lembramos hoje o seu nome com enternecimento, certos de que perdemos com ele um dos mais poderosos talentos da geração nova (80).

Singela é ela (a Petite Suite) *como singela era a alma do malogrado moço; despida dessas inovações que, indo além das fronteiras que o ouvido admite, constituem os únicos diplomas de talento que os ultra-avançados podem ostentar, sem por isso deixar de ser moderna e perfeitíssima* (81).

Entre os vários modernistas aniquilados antes de realizada a sua obra definitiva e levados pela morte também figura o grande temperamento de músico de António de Lima Fragoso.

Foi ele um dos primeiros portugueses a tentar a criação de uma música moderna, nova, liberta da opressão de escolas alheias, cuja hegemonia esmagava as nossas tendências musicais.

---

(79) Oliva Guerra, in *A Semana Musical*, 24 de Abril de 1923.

(80) *A Época*, de Lisboa, 31 de Março de 1924.

(81) Dr. Alberto de Morais, in *Novidades*, de Lisboa, 5 de Abril de 1924.

No movimento musical de amanhã o seu nome será certamente lembrado como merece (82).

Que belo talento e que extraordinário engenho que era o de António Fragoso!

Parece que estamos a vê-lo com todo o fogo da sua mocidade e todo o seu arrebatamento de romântico impenitente! Como o reconhecemos nos Prelúdios *e na* Suite!

Temos a certeza completa que se não tivesse morrido, prematuramente, aos 21 anos, António Fragoso seria um dos primeiros compositores nacionais (83).

António Fragoso morreu há poucos anos, quase uma criança ainda, em plena aurora de uma mocidade radiosa e fértil, sem ter tido tempo, portanto, de afirmar um estilo. Mas se, por vezes, e no que deixou, para piano principalmente, não se libertou de tendências românticas — à Chopin, sobretudo —, noutras, como, por exemplo, em dois dos 7 Prelúdios, *realizou* marchas *felizes; aproveitou noutras vezes um modernismo original que não o* impressionismo *de Debussy, nem o* naturalismo *de Strauss, e noutras ainda assentou ritmos saborosamente portugueses. Em suma, deixou antever um temperamento arrebatado, sensual, lírico, pintor de cores viçosas e rutilantes como o verde pinheiro a recortar-se no azul forte do céu em dias de estio* (84).

Ainda há pouco tempo, em Paris, Varela Cid, tendo tocado obras de António Fragoso, conseguiu que o público parisiense ficasse absorvido perante as belas melodias do nosso falecido artista!

Varela Cid, fazendo conhecer além fronteiras as obras de Fragoso, presta um enorme serviço à nossa Arte, fazendo recordar a alma artística de Lima Fragoso, temperamento musical que jamais chegou a ser compreendido pelos seus professores do Conservatório, que pretendiam ver nele um modernista *e nada mais!* (85)

---

(82) *Contemporânea*, de Lisboa, número de Março de 1925.

(83) G. S., in *O Século*, de Lisboa, 3 de Março de 1926.

(84) Francine Benoit, in *Diário de Lisboa*, 26 de Junho de 1926.

(85) Alfredo Pinto (Sacavém), in *O Jornal do Comércio e das Colónias*, 1 de Julho de 1927.

Essa página (o Nocturno para orquestra), *ainda que de pequenas dimensões — e maiores não deveria ter esse Nocturno — são suficientes para mostrar o grande talento de quem as pensou e escreveu.*

. . . .

Agora (. . .), ainda tenho mais a certeza do talento desse compositor, e compreendo que ninguém lhe tivesse dito, em vida, que ele era um tão grande valor, porque, entre nós, quando se está, de facto, na presença de um autêntico valor, muitas pessoas não têm qualidades para dar por tão misteriosa presença, outras, se têm esse pressentimento, calam-se, e ainda outras fazem esperar *esse valor extraordinário, para dar passagem à multidão dos medíocres. . .*

A multidão dos medíocres passa; *os valores raros, como António Fragoso, ou* esperam *ou morrem.*

António Fragoso morreu, sim, mas é um nome na História da nossa Música, apesar de não ter tido tempo para escrever a sua obra, e conquistar a total personalidade do seu génio.

O que deixou, para piano e para orquestra, é pouco em quantidade, mas muito em qualidade.

Possuía um sentido tão fino, tão raro, tão estético da harmonia, *que não podia servir-se da* harmonia-chavão *de Durand, que tanto tem feito as delícias de centenas de meninas que têm passado com vintes* (86).

António de Lima Fragoso (1897-1918), um Ravel português em perspectiva, sucumbindo à pneumónica (87).

Foi discípulo de Marcos Garin e Luís de Freitas Branco o infeliz António de Lima Fragoso (1897-1918), vitimado pela epidemia do fim da guerra. Também ele pertenceu ao número dos que se interessaram pelos movimentos estrangeiros, mormente o francês. O seu talento invulgar pôde ainda legar-nos obras de qualidade, para piano, canto e piano e conjuntos de câmara, em que se encontram páginas surpreendentes num compositor com menos de 21 anos. A

---

(86) Rui Coelho, art. cit.

(87) Francisco Fernandes Lopes, in *Portugal-Breviário da Pátria para os Portugueses Ausentes*, Lisboa, 1946, pág. 414.

morte prematura de António Fragoso é tanto mais sentida como perda para a música portuguesa quanto mais se ouvem esses compassos reveladores duma sensibilidade (88).

António Fragoso foi um artista tocado de génio, pleno de ideais, pletórico de audácia e de força criadora que passou pela vida como um clarão furtivo e prodigioso, deixando bem reconhecível o sinal da sua passagem no horizonte incerto do nosso meio musical do primeiro quartel do século.

Na história da Arte nada é casual, nem inexplicável. Todos os fenómenos artísticos ou literários têm a sua significação e a sua relação com os acontecimentos correntes do ambiente em que se produzem. A música, como tudo mais que represente criação do espírito, segue sempre uma evolução paralela à da sociedade. António Fragoso surgiu justamente no momento em que se tornava necessária uma renovação dos cânones cansados, um aproveitamento das fontes de inspiração intactas, com raízes nos temas populares, mas utilizadas com espírito de audácia e de sentido moderno. Foi essa a sua missão e a sua vitória. No deslumbramento das revelações trazidas ao panorama musical europeu pelo impressionismo de Debussy, impregnado de uma atmosfera voluptuosa de exotismo e de mistério, e pelo sortilégio fascinante das sonoridades pictóricas de Ravel, o nosso jovem compatriota habituou-se a brincar com os sons e com os ritmos como um jongleur *de sensações, abrindo à sua inspiração estradas claras no sentido do futuro, sem prescindir, no entanto, de afirmar em tudo o que escreveu, sempre, a sua personalidade.*

António Fragoso foi moderno no sentido bom da palavra, isto é, sentiu o modernismo com dignidade, sem se deixar arrastar pelo gosto daquelas formas aberrantes constituídas de verdadeiras charadas melódicas, em que outros menos espontâneos se compraziam e comprazem hoje ainda, numa ânsia de originalidade que mais poderemos chamar delírio de excentricidade e no qual tantas vezes a ideia e a beleza naufragam sem remédio.

A sua mocidade irrequieta e comunicativa teve todos os impulsos, todas as certezas, todas as generosidades dos eleitos.

. . . .

Na sua música há todo o encanto dos sonhos intraduzíveis, das fantasias irreais, da misteriosa poesia das imagens fluidas e distantes. Deste modo foi um verdadeiro poeta, um poeta que não chegou

(88) Dr. João de Freitas Branco, in *História da Música Portuguesa*, n.º 42 da Colecção Saber — Lisboa, 1959, pág. 174.

a escrever versos porque a palavra humana, menos expressiva para certos estados de alma, não lhe dava a possibilidade de tocar o limite dos sentimentos com aquela paixão com que só a música os consegue às vezes traduzir e exteriorizar.

Em tudo o que ele escreveu se sente palpitar aquele frémito de vida intensa, lancinante, feita de fascinação e de mistério que define o verdadeiro talento.

Não que as suas realizações resultassem de uma técnica longamente adquirida em anos de estudo e de trabalho. Nele tudo era espontâneo, natural e instintivo.

Os seus Prelúdios *para piano, as suas* Danças *portuguesas, os seus* Lieder *para canto e as suas peças de câmara, a que se acrescenta como peça culminante da sua obra instrumental o belo* Nocturno *para orquestra, são produtos de verdadeira adivinhação. António Fragoso desconhecia regras, renegava disciplinas de escola; surgiu como fruto revolucionário de uma arrebatada predestinação, como um caso de intuição sem igual na história da música portuguesa.*

....

... a semente de Beleza que ele nos legou persiste e frutifica, abrindo caminhos que outros trilham já hoje com segurança, rasgando à música portuguesa horizontes arejados e luminosos (89).

Sem precisar de recorrer a novas argumentações estéticas, já hoje desnecessárias pela definitiva consagração da sua obra, mas firmando-me apenas no muito que se disse e no prestígio cultural de quem o disse, é corolário fácil concluir que a morte de António Fragoso constituiu uma autêntica e irreparável perda nacional. O vazio deixado pelo seu desaparecimento não foi ainda preenchido — e acredito que nunca o será. Pode o destino fazer despontar um dia outro génio igual ao seu, com a mesma dimensão, a mesma envergadura, o mesmo poder de comunicação; mas o que ninguém poderá repetir, porque o génio nunca se repete, é o carácter inconfundível e indefinível da sua personalidade, da sua arte, da sua cultura; a rajada de predestinação que fez da sua curta vida uma história sem fim: a história de um génio feito saudade.

Rio de Janeiro, Junho de 1968.

---

(89) Oliva Guerra, in *Bazar das Letras* do jornal *A Voz*, de Lisboa, 23 de Abril de 1960.

APÊNDICE

RELAÇÃO DAS MÚSICAS DE ANTÓNIO FRAGOSO

PUBLICADAS PELA CASA VALENTIM DE CARVALHO

PARA PIANO

Composições — 1.º Caderno

Petite Suite

I — Prelúdio
II — Berceuse
III — Dança

Sete Prelúdios

Composições — 2.º Caderno

Nocturno em si b menor
Nocturno em ré b maior
Prelúdio
Pensées Extatiques
I — Les Ruines du Temple Sacré
II — L'extase d'une Vierge

Três Peças do Século XVIII

Minuete
Ária
Gavotte

Canção e Dança Portuguesas
Dança Popular

PARA PIANO E CANTO

Toadas da minha Aldeia

I — Cantigas da nossa terra — versos de Vicente Arnoso
II — Morena — versos de Júlio Diniz
III — Cantares — versos de Marcelino de Mesquita
IV — Canção Perdida — versos de Guerra Junqueiro
V — Cantiga do Campo — versos de Gomes Leal

Consolation — versos de Fernand Grech

EM PUBLICAÇÃO PELA CASA SASSETTI

Sonata, para piano
I — Muito agitado
II — Calmo, com doçura
III — Final — majestoso

EM PUBLICAÇÃO PELA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Nocturno, para orquestra

AINDA NÃO PUBLICADAS

PARA PIANO

Poème du Soir
Três Mazurkas
Valsa Caprichosa
Valsa Recordação
Serenata
Canção da Noite
Barcarola
Inquietude
Prelúdio sobre um tema dado
Quatro Prelúdios românticos
Coro dos Peregrinos
Canto Popular

PARA PIANO E CANTO

Canções do Sol Poente — versos de António Correia de Oliveira
I — Canção da Fiandeira
II — Embalando o Menino

III — Modas da Serra
IV — A Primeira Romaria
V — A Manhã de Cerração
VI — O Natal no Céu
VII — A Senhora dos Remédios
VIII — Cantigas do Lenço

Fêtes Galantes — versos de Paul Verlaine
Les Coquillages

Poèmes Saturniens — versos de Paul Verlaine
I — Soleils Couchants
II — Chanson d'Automne
III — Sérénade

Duas melodias religiosas

PARA PIANO E VIOLINO

Suite Romântica
Prelúdio
Intermezzo
Berceuse
Nocturno

Sonata inacabada — 1.º andamento

PARA PIANO, VIOLINO E VIOLONCELO

Trio
I — Alegro moderato
II — Muito lento
III — Scherzo — muito vivo
IV — Alegro vivo.

RELAÇÃO DAS OBRAS COM DATA CERTA

Toadas da minha Aldeia	— Compostas entre 1909 e 1912. Editadas em 1913.
Valsa Caprichosa	— 1913.
Três Mazurkas	— Janeiro de 1914.
7 Prelúdios do 1.º Caderno	— Janeiro de 1915.
Poème du Soir	— Janeiro de 1915.
Sonata	— Junho de 1915.
Consolation	— Dezembro de 1915.
Trio	— Dezembro de 1915.
Petite Suite	— Apresentada a Rui Coelho em 1915.

Prelúdio sobre um tema dado — 1916.
Suite Romântica — 1916.
Canção e Dança Portuguesas — Outubro de 1916.
Três Peças do Século XVIII — Abril de 1917.
Nocturno em ré b maior — Outubro de 1917.
Poemas de Paul Verlaine — 1917.
Duas melodias religiosas — 1918.
Nocturno, para orquestra — 1918.
Sonata inacabada — 1918.

PEÇAS ORQUESTRADAS POR TERCEIROS

Três Peças do Século XVIII — Fernando Cabral.
Primeira audição, na Sociedade Nacional de Música de Câmara, de Lisboa, em 30 de Janeiro de 1922.

Dança Portuguesa — Ernesto Halffter.
Por solicitação de António Ferro. Primeira audição, no Teatro del Liceo, de Barcelona, em Maio de 1943.

7 Prelúdios do 1.º Caderno — Joly Braga Santos.
Primeira audição, na Emissora Nacional de Lisboa, em 1958, comemorando o 40.º aniversário da morte de António Fragoso.

Petite Suite — Joly Braga Santos.
Primeira audição no Teatro de S. Carlos, de Lisboa, em 22 de Novembro de 1958. Regência de Pedro de Freitas Branco.

Um Nocturno do 2.º Caderno — Fernando Cabral.

OBRAS DE ANTÓNIO FRAGOSO, INCLUÍDAS NOS PROGRAMAS OFICIAIS DO CONSERVATÓRIO NACIONAL DE MÚSICA, DE LISBOA

NO CURSO DE PIANO

Grau elementar

1.º ano — Três Peças do Século XVIII
3.º ano — Dança Popular

Canção e Dança Portuguesas

Grau complementar

3.º ano — Pensées Extatiques

Petite Suite

7 Prelúdios do 1.º Caderno

Grau superior

Nocturno em si b menor

Nocturno em ré b maior

Sonata

Prelúdio do 2.º Caderno

NO CURSO DE VIOLINO

7.º ano — Suite Romântica.

O CARNAVAL de Schumann

Meu caro Jorge (90)

Pedes-me que te diga alguma coisa sobre o Carnaval *de Schumann, essa sugestiva e encantadora página de música que eu adoro e de que tu gostas tanto. Não é tarefa de todo fácil pela complexidade do assunto, sobretudo porque penas mais eruditas que a minha o têm já analisado. Todavia dir-te-ei o que sobre ele me ocorrer, impressões que sinto ao ouvi-lo ou ao tocá-lo.*

O Carnaval *é, pode dizer-se, a síntese da alma desse grande génio e desse grande apaixonado que foi Roberto Schumann, o mais romântico e o mais másculo de todos os românticos. O mais másculo, sim, porque a sua música, por vezes romântica em excesso, traduz sempre essa força vital própria do homem que lhe dá uma sonoridade e um encanto só comparáveis à majestade olímpica dum Bach ou dum Beethoven.*

É porque a música de Schumann é a grande epopeia dum amor que quási chegou às raias da loucura, que foi a maior obsessão de toda a sua vida, a única fonte da sua inspiração, "cada vez mais apaixonada, dolorosa e alta", como diz Camille Mauclair.

Eram hinos de amor que Schumann enviava à sua adorada Clara, a interessante e inteligentíssima artista, filha do seu professor Friedrich Wieck, que tanta influência exerceu na sua vida íntima e artística.

Schumann chamava ao piano o confidente das suas paixões e a ele confiou, desde o princípio e sem reservas, tudo quanto a sua alma lhe ia ditando.

O Carnaval *é a sua op. 9 e encerra, por assim dizer, tudo quanto lhe era mais querido, porque está estrictamente ligado à sua vida íntima.*

---

(90) Dr. Jorge da Cruz Jorge.

É uma série de pequenas peças dum sabor esquisito mas encantadoras como forma e como beleza, reunidas sob aquele título por terem sido escritas durante o Carnaval de 1835. Schumann descreve nele um baile de Carnaval, alegre, cintilante, onde a luz faísca, onde retinem guizos em gargalhadas sarcásticas.

Abre a obra um Preâmbulo *cheio de vida, de brilhantismo e de pompa, onde se desenha, em pianíssimo, o motivo da marcha final, a* Marcha dos Davidsbündler contra os Filisteus. *Depois te direi o que esta marcha é como música, e o que ela traduz como filosofia.*

Em seguida aparece um Pierrot *cheio de tristeza, perguntando a toda a gente, com uma angústia exacerbada, onde está essa mulher amada que jamais encontrou e por quem suspira. E essa página, de uma dúzia de compassos, é todo o poema duma vida cheia de dor; ao contrário de Pierrot,* Arlequim, *querido das damas, brinca, cheio de graça e de vida e dança uma* Valsa nobre. *Os* Papillons *giram vertiginosamente; uma mulher* Coquette *e graciosa responde a todos com o seu riso de ironia; alguns pares amorosos passeiam na sombra, há confidências de amor,* Pantalon *e* Colombine *dançam uma* Valsa alemã, *e no meio deste burburinho, desta festa onde todos riem, e dançam, e parece quererem precipitar-se no turbilhão louco duma vida fastigiosa e dissipada, a realidade aparece: — é o próprio Schumann que chega sonhador e místico em* Eusebius, *apaixonado e romântico em* Florestan.

E aí nos descreve a sua Clara em Chiarina, *reconhece cheio de alegria, em* Estrella, *essa outra criança que ele amou e que se chamava Ernestina de Frieken, e recordando-se da cidade de* Asch, *onde ela vivia, faz combinações caleidoscópicas com as letras que formam Asch, nas* Lettres dansantes, *evoca as figuras de* Paganini *e de* Chopin, *esta surgindo "hautaine, sombre, voilée d'arpèges et portée sur une phrase admirable" (Camille Mauclair), um* Aveu *passa sombrio e triste seguido duma* Pause *onde reaparece o tema do Preâmbulo, e enfim o baile termina com a majestosa* Marcha dos Davidsbündler contra os Filisteus, *de que te falei há pouco. Davidsbündler (companheiros de David) era o nome de uma sociedade que Schumann fundou no intuito de combater as rotineiras da Arte, representadas pelos Filisteus. Era uma sociedade ávida de progresso como seria necessário criar entre nós para combater enèrgicamente todos os filisteus da nossa arte que, ligados indestrutìvelmente às velhas regras e às carunchosas ideias do passado, nem sequer consentem que nós, os novos, caminhemos cheios de fé e de entusiasmo, com os olhos postos no futuro.*

E aqui tens tu, meu caro Jorge, toda a filosofia que há nesta maravilhosa página do Carnaval, *onde Schumann pôs toda a sua alma de apaixonado e de revolucionário.*

Ao descrever ràpidamente esta obra tão grande e tão bela, no dia do 62.º aniversário da morte do génio que a concebeu (29 de Julho de 1856), eu recordo os momentos de raro e elevadíssimo prazer espiritual que ela me tem feito sentir, porque Schumann é, sobre todos os mestres, aquele que mais me impressiona e me entusiasma.

Teu amigo certo,

29/7/918 *António de Lima Fragoso* (91)

(91) In *Correio de Cantanhede*, 15 de Agosto de 1918.

MÚSICA PORTUGUESA

Minha amiga

Em um dos números do jornal lisbonense A Situação, *de Agosto passado, li um artigo assinado por Rui Coelho, cuja epígrafe era: — "Conservatório de Lisboa: a criação de uma cadeira de música portuguesa". —*

Neste artigo, onde Rui Coelho mais uma vez afirma, duma maneira categórica, o exclusivismo *do seu imenso talento, predestinado, pela fada da Boa Sorte, para dizer ao mundo que em Portugal também há* um compositor, *onde mais uma vez se espreme, como num lagar de azeite, a individualidade artística do pobre director do Conservatório, "o ilustre autor da valsa* Brisas", *no dizer do crítico, fala-se de tudo menos da criação de uma cadeira de música portuguesa no Conservatório de Lisboa. Nem eu, nem, por certo, as pessoas que leram esse artigo, ficámos sabendo o que queria Rui Coelho ao escrevê-lo: provavelmente encaixar-se lá dentro — criando para isso uma cadeira nova — apesar daquilo ser muito mau, como à boca cheia se tem dito, em todos os jornais, em todas as revistas, em todas as palestras, e, quem sabe?, talvez até, em todos os pensamentos!... Uma vez lá dentro, onde com certeza o seu génio se não daria muito bem com o dos seus colegas, o seu imenso talento faria uma imensa revolução, escangalhando aquilo tudo por uma vez, ou elevando-o, como é, sem dúvida, a sua intenção, à alta categoria de um Conservatório verdadeiramente digno desse nome. Doce ilusão a sua!... Não é com o esforço e a boa vontade de um só homem, por muito tenaz que ele seja, que se consegue levar a cabo uma empresa dessa ordem; seria necessário fundir numa só vontade e numa só opinião, as vontades e as opiniões tão complexas de todos aqueles que se interessam pelo progresso da arte musical entre nós. E mesmo esses são tão poucos que não sei bem se teriam forças para aguentar com a tremenda responsabilidade duma reforma conservatorial, séria e proveitosa! Mas voltemos ao artigo de* A Situação!...

Meditei um pouco sobre o caso; e até agora, confesso, ainda não encontrei o X do problema: — qual o programa a seguir nessa aula de música portuguesa. Rui Coelho começaria talvez por profetizar aos seus alunos a existência de uma música nacional, admirável de beleza e de sentimento, absolutamente característica e inconfundível com qualquer outra música de qualquer outra nação; diria talvez a existência de um riquíssimo e interessantíssimo folklore *nacional, verdadeiro Hélicon dos músicos portugueses que deverão beber nas suas fontes — tantas vezes cantadas pelos poetas gregos e onde, em tempos que já lá vão, passaram as musas de mãos dadas —, a água cristalina da sua inspiração. Ora se assim for, na verdade, os alunos de Rui Coelho pouco fruto tirarão das suas lições porque, a meu ver, eles nunca poderão servir-se dos temas populares para base de suas composições, sem caírem num ridículo estúpido e numa banalidade* chata *e* sorna, *principal característica da maior parte desses temas, musicalmente falando.*

E assim tem acontecido, realmente, a todos os músicos portugueses, alguns de incontestável valor, que deles se têm servido. Para apontar um exemplo, basta citar-lhe os Cantares Portugueses *do maestro David de Sousa.*

Nessa obra de fôlego, rapsódica e orquestral, sempre que o autor atravessa as pontes de passagem que ligam os diversos temas populares, sonha, por um momento, que se encontra ainda na Rússia, e aí o seu estro eleva-se e espiritualiza-se; mas sempre que aos nossos ouvidos chegam os verdadeiros temas populares, estilizados pela maestria do compositor, a primeira vez que se ouve a sua obra admiramos a complexidade da orquestração, extraordinária de efeitos e de sonoridades de metais com surdina, mas, na segunda vez, nós irresistìvelmente nos mexemos na cadeira, cheios de angústia e de cansaço por, nem ali, nos deixarem respirar à vontade, os vovós *espirituais que nos embalaram ao nascer e nos têm acompanhado sempre, toda a vida e em toda a parte, numa pertinácia horrível de maçadoria, de enfado, e de velhice. E involuntàriamente berramos bem alto, de braços abertos: — "Oh, respeitabilíssimos senhores, deixem-nos duma vez para sempre: estamos fartíssimos de os aturar e de lhes ouvirmos gemer a nossa nunca desmentida e interminável pieguice!!..." — E se eles, na sua pertinácia, continuam a maçar os nossos ouvidos e o nosso espírito, então, ou nos rimos nervosamente do seu ridículo, ou acabamos por nos aconchegar na cadeira, para dormirmos regaladamente o sono da bem-aventurança!... David de Sousa há-de reconhecer isto mesmo e estou certo que ele, doravante, deixará em paz*

esses veneráveis vovós, para mais à vontade e mais alto, fazer voar a sua inspiração.

O próprio Óscar da Silva, cuja música a minha amiga adora tanto, não foi mais feliz no Scherzo *do seu* Quarteto, *em ré maior, onde ele estilizou uma das mais conhecidas e banais danças populares. Aí há, porém, a atenuar o efeito, o sub-título de* humorístico, *que o autor lhe deu por reconhecer que, na verdade, o seu* Scherzo *fazia rir...*

Efectivamente, e infelizmente, as nossas canções não têm, como música, o ardor, a paixão, o orientalismo encantador e expressivo das canções dos tziganos russos "que nos cabarets *de Moscou deixam, em cantos apaixonados e altivos, brilhar o seu entusiasmo ardente em toda a liberdade", como diz Daniel Chennevière, na sua interessantíssima monografia* Claude Debussy et son oeuvre; *não têm a intensidade e a cor característica das canções húngaras, norueguesas e principalmente das espanholas, onde os antigos árabes introduziram a sua escala menor, caracterizada na quarta aumentada, e pela qual se podem construir melodias de um raro e elegíaco sabor que as torna adoráveis, verdadeiramente inconfundíveis, e lhes dá um modernismo que nenhumas outras possuem em tão alto grau. Essas, sim, são uma esplêndida fonte de inspiração e muito bem o têm compreendido os grandes compositores espanhóis que estão formando uma escola de música nacional que já hoje tem grandes apaixonados e que amanhã será verdadeiramente célebre.*

As nossas canções, pelo contrário, são todas construídas apenas sobre dois acordes: — tónica e dominante —, únicos que quadram bem com a sua melodia.

Ora positivamente esses acordes são medíocres e velhos de mais para que sobre eles exclusivamente se possam escrever obras de elevada e moderna concepção. Sempre que sobre as nossas melodias populares se tem tentado construir outros acordes que não sejam o da tónica e o da dominante, elas perdem quási por completo o seu carácter e a sua tonalidade. E é por isso que o fado, *que alguém disse ser a mais fiel expressão do sentimento português, — baixa e piegas expressão, confessemos —, só é verdadeiramente* fado *quando cantado, nas ruas escuras e perigosas da Mouraria ou do Bairro Alto, por uma Severa ou um Marialva, ainda que essa Severa não tenha o mesmo sentimento da outra, da célebre, e o Marialva seja de mais baixa estirpe do que a do grande fidalgo do século passado. Fazê-lo sair daí; fazê-lo cantar ao piano ou nos violinos duma orquestra, é transformá-lo, é deturpá-lo.*

Assim acontece também às nossas canções do Norte que só têm encanto, as que o têm, numa romaria ou numa esfolhada ao luar.

Não me parece, pois, que os compositores portugueses enveredem por muito bom caminho servindo-se desses temas. O que, a meu ver, eles deverão fazer, os que quiserem criar uma escola de música nacional, é conceber melodias novas, com uma atmosfera nova e com uma tonalidade moderna e que vá além da tonalidade rudimentaríssima dos acordes perfeitos.

Isto é, porém, mais difícil do que pode parecer. Mas, todavia, alguma coisa de bom se tem feito já nesse sentido, e exemplos frisantes são os que o próprio Rui Coelho nos deu no seu Bouquet, *nas suas* Canções de Saudade e Amor, *e até mesmo nalgumas páginas das suas* Sinfonias Camoneanas. *Tudo o mais será fazer o que está feito.*

Oxalá que Rui Coelho esteja de acordo com a minha maneira de pensar, e que, se ele conseguir criar a sua aula de música portuguesa, o seu programa seja tão vasto e tão profícuo que dentro em breve os seus alunos possam dizer ao mundo, como o seu Mestre o tem dito já, que em Portugal também há compositores!...

Setembro, 1918

A. Lima Fragoso (92)

(Das *Cartas a Maria,* em preparação)

(92) In *Correio de Cantanhede*, 3 de Outubro de 1918.

A ESFOLHADA

Ao Fernando Botelho Leitão.

Meu caro Fernando

As férias estão terminadas. Dentro de breves dias iremos novamente trabalhar, pró música, *nessa complicada engrenagem da vida da capital, onde o nosso espírito se cansa, mas onde temos também os momentos de mais elevado prazer espiritual, aqueles que nos oferecem as audições das grandes obras dos grandes mestres da música, essa arte subtil e engenhosa que nós cultivamos com tanta fé e tão entusiástica paixão. E como vemos aproximar-se o dia em que temos de deixar aqueles que nos são mais queridos, fazemos esforços para nos divertirmos o mais possível, tentando assim esquecermo-nos por um momento da tristeza da vida de hoje que cada vez está sendo mais complicada e mais angustiosa, tais e tão graves são as doenças que dia a dia vão devastando impiedosamente o Corpo e a Alma do nosso pobre país.*

Mas nós devemos encarar a vida com uma grande dose de filosofia positiva e por isso nos vamos divertindo à grande enquanto os males nos não batem à porta. De resto, como dizia o grande Fradique Mendes, "este mundo está superiormente organizado" e, por isso mesmo, cheio de compensações. Uns sofrem, outros riem; amanhã invertem-se os papéis e o mundo gira com a mesma velocidade e com a mesma fleuma!...

Ora foi filosofando fleumàticamente que as pessoas gradas que este ano têm veraneado na Pocariça, a tão hospitaleira e encantadora aldeia onde eu nasci, e onde ainda não chegaram senão os ecos das epidemias, puderam tomar para lema da sua vida de férias, aquele verso tão português do Burro do Sr. Alcaide *que principia assim:*

— *"Viva a folia, dançar, dançar, etc..."*

E, na verdade, a nossa vida, de há dois meses para cá, tem sido um constante e vertiginoso rodopiar, entre os passos lentos e tantas vezes cheios de ternura duma valsa de Berger, e os saltos ursinos *e desengonçados dum* fox-trot.

Ontem, porém, despimos a rabona de todos os dias, e vestimos a jaqueta dos homens de lavoura; as senhoras enfeitaram-se com as cores garridas de Viana do Castelo; e, descendo da sala ao campo, fomos dançar numa eira, ao som da guitarra e do harmónio, as danças tão simples e tão pagãs do nosso povo.

Tinha-se organizado uma esfolhada; como, porém, o mês de Agosto já passou, tendo levado consigo o calor e a luz prateada do seu luar, a esfolhada teve de ser feita de dia, à hora em que o sol de outono vai amarelecendo as folhas dos vinhedos que ainda há bem poucos dias levaram às adegas, em alegrias báquicas, a riqueza abençoada do seu suco. Sendo assim, ela não podia ter o encanto sugestivo daquela esfolhada minhota que Júlio Diniz nos descreve através da sua prosa tão simples e tão cheia de harmonia; mas teve, sem dúvida, o mesmo ar de alegria e de mocidade.

Estavam já todas as senhoras, lindas no seu traje minhoto, e alguns rapazes, procedendo à descamisa do milho, quando apareceram o Mário Vaz, o Manuel Pessoa e o Carlos, meu irmão, todos de calça branca e cinta escarlate, tocando ruidosamente o popularíssimo Zé P'reira. *Podes calcular o barulho, a alegria esfusiante, os vivas e as palmas que eles provocaram. Depois houve cantigas ao desafio em que mais uma vez saltou, em rimas cheias de graça, a veia poética do Mário Vaz, a que a Armanda Pessoa respondia com aquela sua voz tão docemente timbrada; o Jorge e o Arnaldo Frota* flirtaram; *os felizes a quem a Boa-sorte fez chegar às mãos as espigas de* milho-rei, *regalaram-se de dar abraços; o Evaristo Pessoa mais uma vez pôde manifestar quanto é grande o seu talento para a arte de Niepce; os petizes fartaram-se de berrar, e eu... eu fiz o que pude!...*

O sol escondia-se já por detrás dos pinheirais quando chegaram as criadas com as papas de abóbora... Nova vozearia, novos vivas, novas palmas!... E, num instante, todo o grupo, agarrado à sua colhér e ao seu prato, saboreava esse belo acepipe com um apetite digno de Pantagruel. A alegria faz fome, lá dizia não sei quem... e, na verdade, assim é. Foi só então que começaram as danças.

E os ecos puderam repetir ainda, à hora melancólica das Avé-Marias, as melodias alegres do Vira, *da* Caninha Verde, *dessas danças tão caracterìsticamente portuguesas que se cantavam na eira.*

Nessa festa, nós pudemos sentir bem o que há de alegre e bom na alma do nosso povo; mas nem por isso deixou de ter o seu cunho de elegância e distinção.

Tive pena que cá não estivesses para nela tomares parte; que ao menos a minha pena tenha podido dar-te uma pálida impressão do que ela foi.

Teu amigo certo

4/10/918 *A. Lima Fragoso* [93]

---

[93] In *Correio de Cantanhede*, 10 de Outubro de 1918.

NOTA

Dada a balbúrdia ortográfica reinante ainda na época, não só por apego de alguns à etimologia, mas também pela série de reformas posteriormente havidas, achei por bem "harmonizar" todas as transcrições, inclusive as dos escritos de António Fragoso, acomodando-as à ortografia actualmente em vigor em Portugal.

Ousei ainda, em raríssimos casos, corrigir manifestos e claros erros de impressão (por exemplo, no artigo *Carnaval de Schumann*, substituí *Davidsdundler* por *Davidsbündler*, *fastidiosa* por *fastigiosa*, *hantaine* por *hautaine*, etc.)

No resto, tudo transcrevi com absoluta fidelidade.

L.J.

ÍNDICE

COMPOSTO E IMPRESSO
NAS OFICINAS DA
GRÁFICA OLÍMPICA EDITÔRA, LTDA.
RUA VISCONDE DO RIO BRANCO, 33
RIO DE JANEIRO - BRASIL
EM NOVEMBRO DE 1968
PARA A EDITÔRA
LIVROS DE PORTUGAL S.A.
DA MESMA CIDADE.



GRAVURA A SECO DE
ARCINDO MADEIRA